

- 2 Opinião Editorial
- 3 Latrevista
- 4 Pedras de Minas
- 5 Modernismo Cabo Verde
- 6 Modernismo Cabo Verde
- 7 -- Transfinito
- R. de Melo Souza 8 — Transfinito
- R. de Melo Souza
- 9 Transfinito R. de Melo Souza
- 10 Movimento Verde Ronaldo Cagiano
- 11 Movimento Verde Ronaldo Cagiano
- 12 Via Dolorosa Eno Teodoro Wanke

- 18 Artico
- Jason Tércio 19 — Poesia Visual
- Vários
- 20 Posia Vários
- 31 Poesia
- Vários 22 - Poesia
- Vários
- 28 -- Cartas
- 24 Parque de Los Poeta

editorial

Nossa literatura nas escolas

Uma notícia formidável: a literatura brasiliense será incluída no currículo das escolas públicas do DF, segundo nos informou a secretária de Educação, professora Eurides Brito. Todas as providências gerais e orientadoras já foram tomadas neste sentido.

Esta é uma vitória dos escritores do Distrito Federal e que modestamente temos uma pequena participação. Recentemente, encaminhamos um expediente ao governador Joaquim Roriz, onde solicitávamos o cumprimento do artigo 233, parágrafo 2º da nossa Lei Orgânica, que estabelece a inclusão da literatura brasiliense no currículo das escolas públicas de Brasília.

Na condição de relatora ficamos naturalmente entusiasmada com a resposta que recebemos. Não há dúvida nenhuma que esta iniciativa significa um decisivo direcionamento no processo



de desenvolvimento ensino-aprendizagem, na disciplina da língua portuguesa e literatura brasileira e na educação artística, para que o docente dê o devido destaque à literatura brasiliense.

Nós que, através do "DF LETRAS", temos procurado colaborar na dinamização da cultura no DF, achamos que Brasilia precisa experimentar uma "efervescência criadora" para mostrar todo o talento que tem. Mais um passo decisivo nesta direção foi dado. Estamos de parabéns. **Rose Mary Miranda**

Vice-Presidente(PP)

PALAVRA DO EDITOR

As inovações do suplemento

Nada mais oportuno que lembrar Monteiro Lobato: "Um País se constrói com homens e livros". A histórica frase encaixa - com perfeição ao anúncio que o "DF LE-TRAS" publicou em sua edição anterior incitando os **inéditos** a enviar seus trabalhos.

A resposta não poderia ter sido mais animadora. Os escritores, poetas, ensaístas, críticos literários, jornalistas, aceitaram o desafio e nos enviaram um farto material para publicação. Tamanha foi a receptividade que decidimos aumentar em mais quatro páginas a edição deste número.

Numa clara demonstração de que

editamos o "DF LETRAS" com um espírito aberto à participação de todas as tendências, acatamos sem pestanejar a idéia de abrir mais espaço à poesia. Agora são três páginas com um detalhe inovador: o poema visual. Eis aí uma escola poética que sempre provoca inquietações estéticas.

Atendendo também sugestão de vários escritores de Brasília começamos a publicar, já a partir deste número, uma entrevista com pessoas diretamente ligadas ao desenvolvimento da cultura no DF. A primeira será com Victor Alegria.

Alegria, todos sabem, é ousado. Irrequieto e inquietante. Na entre-

vista diz, entre outras coisas, que o nosso suplemento cultural, o "DF LETRAS", deveria abrir espaço para informar os escritores brasilienses sobre os concursos literários que existem pelo País afora. Achamos a idéia magnifica. Mais que isso: sugerimos o nome do próprio Alegria para desincumbir-se desta missão. Na condição de editor ele não pode faltar com a sua palavra neste assunto. O espaço está

O "DF LETRAS" é de todos!

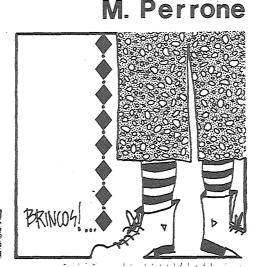
NELSON PANTOJA

Editor

ORTEGA, o pragmático



CRITICANTO POR



EXPEDIENTE



Suplemento Cultural do Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal. Editado sob a responsabilidade da Coordenadoria de Editoração da Vice-Presidência com a colaboração da Coordenação de Comunicação Social da Presidência.

Vice-presidente: Rose Mary Miranda Chefe de Gabinete: Sebastião Cunha Assessores especiais: Chico Nóbrega e Ivan Carvalho

Coordenador de Editoração e Produção Gráfica:

Nelson Pantoja

Programação Visual: Marcos Lisboa Fotografia: João Wesley, Jane Neves e Fábio

Editoração: Jane Neves, Luís Augusto Gomes, Marcelo Perrone, Dino Souza, Sebastião Peres, Sérgio Cáceres e Oscar Montes, Monterrojas

Revisão: Nelci Stein e Luís Augusto Gomes. Colaboraram nesta edição: Agenor Gonzaga dos Santos, C. Nunes, R. de Melo Souza, Ronaldo Cagiano, Eno Teodoro Wanke, J. Antonio, Valter Pedrosa, Jason Tércio, Ézio Pires, Marilena Bonifácio e Hugo Pontes.

Chefe de Seção de Divulgação: Cláudio Lysi-

Chefe de Seção de Relações Públicas: Luiz Recena

Chefe de Relações com a Imprensa: Adriana Iohim

Redação: Donalva Caixeta, Zinia Araripe, Cristina Timponi, João Paganini. DF-Letras tem assinatura gratuita. Os pedi-

dos devem ser enviados para endereço abaixo constando o nome do assinante, profissão, endereço completo e telefone para contato. DF-Letras/Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Redação: SAIN-Parque Rural Norte 70.086900 Brasília-DF Telefone: (061) 347-5128

Composição da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Mesa diretora (biênio 93/94) Benício Tavares Presidente Rose Mary Miranda Vice-presidente Lúcia Carvalho 1º Secretário Peniel Pacheco 2º Secretário Cláudio Monteiro 3º Secretário Agnelo Queiroz Aroldo Satake Benício Tavares Carlos Alberto Claúdio Monteiro **Edimar Pireneus**

Eurípedes Camargo Fernando Naves Geraldo Magela Gilson Araújo Jorge Cauhy José Edmar Lúcia Carvalho Odilon Aires Manoel Andrade Maria de Lourdes Abadia Maurílio Silva Padre Jonas Pedro Celso Peniel Pacheco Rose Mary Miranda Salviano Guimarães Tadeu Roriz Wasny de Roure

As colaborações, recebidas espontaneamente, são publicadas sem contrapartida pecuniária.

□Victor Alegria

As idéias ousadas de um editor

Victor Alegria, 57 anos de idade, 30 anos de Brasília. Incansável na sua mania de lutar pelos escritores de Brasília, marginalizados pelos grandes grupos do mercado editorial brasileiro. Para tanto, conta com sua pequena editora — a Thesaurus e uma grande ousadia. Ousadia, aliás, que já lhe concedeu o título de ter sido o único editor preso pela ditadura, apenas porque era audaciosamente um editor. Entrevistá-lo é fácil porque não lhe faltam histórias e conhecimento do assunto. Difícil é "discipliná-lo" para uma entrevista, posto que gosta de falar ininterruptamente, ainda com um sotaque lusitano bastante carregado.

Esta entrevista deixa-nos ver um pouco da sua ousadia, apaixonada e honesta. Fez críticas e sugestões ao DF Letras; não poupou os grandes grupos e, para finalizar, sonha em reunir na cidade os maiores nomes da literatura mundial.

□ Luís Rocha

Jornalista

DF-Letras - Como é que um conhecido incentivador da literatura recebe o Suplemento Cultural da Câmara Legislativa?

Vitor — Com alegria e críticas. O DF-Letras não fala de Brasília que é a cidade com maior número de prêmios literários. E eles não aparecem no DF Le-

O Sr. acha que não?

Não com a frequência que marecia. O DF-Letras tem que propiciar informações aos escritores de Brasília. Dizer dos prêmios literários nacionais, para que nossos escritores - os mais premiados nos últimos anos tenham a oportunidade de concorrer a tempo.

Brasília é mesmo esse celeiro ou há um pouco de ufanismo e paixão de sua parte?

Acho que o número de escritores de qualidade no Distrito Federal está aumentando todos os anos. Uma prova disso são os prêmios recebidos de instituições como Academia Brasileira de Letras, o Bienal Nestlé e o prêmio da Associação de Críticos de São

Cite alguns dos premiados?

Hélio Póvoas Junior, Luiz Manzolillo, Antônio Carlos Osório, Carrazé, Cassiano Nunes e outros que foram premiados nos dois últimos anos.

Ainda com relação ao DF-

Letras, que outras críticas e sugestões?

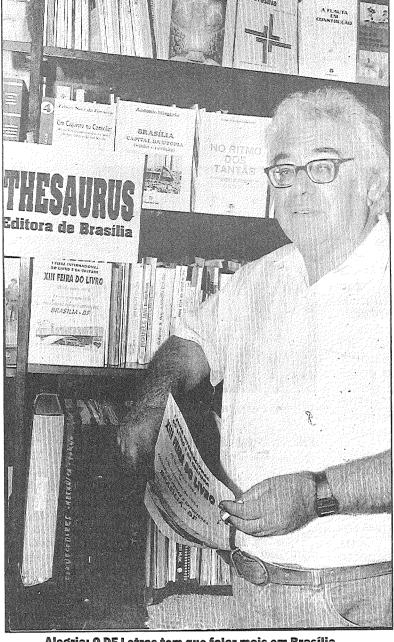
O Suplemento deveria mostrar que no Brasil se publicam livros que não são só os "Best — Sellers", pois estes têm garantido a sua divulgação pelo poder de fogo das grandes estruturas editoriais. O Jornal deve trazer informação editorial sobre os livros publicados no mês anterior. Marcar uma presença constante nos eventos que congregam escritores, mostrando de maneira independente uma crítica honesta e construtiva, tirando o escritor brasiliense da marginalidade a que o relega a falta de divulgação costumeira.

Como habitualmente percebemos nos jornais diários?

Os jornais diários dão poucas informações, em virtude de não terem páginas literárias. Além disso, os jornais pensam muito em termos de custos editoriais. E depois é preciso haver a consciência de que a divulgação do documento escrito é esssencial ao jornalista e ao escritor.

Com todas essas dificuldades, digamos estruturais, não falta o que fazer à câmara do livro.

Criamos a Câmara do Livro do Brasil Central com os seguintes objetivos, entre outros: Promover as associações dos amigos das bibliotecas públicas e privadas; lutar para que o Estado dissemine bibliotecas públicas nas cidades-satélites e entorno, mas de forma que essas bibliotecas se integrem com a comunidade, de



Alegria: O DF Letras tem que falar mais em Brasília

molde a manterem um acervo dinâmico e atualizado; conscientizar a rede de livreiros de que o autor brasileiro merece ser exposto; e sugerir aos jornais a criação de páginas literárias com profissionais de reconhecida qualidade e independência de julga-

Na sua avaliação, as universidades preparam esss profissionais para o jornalismo cultural?

Não. Um dos termos propostos na Feira do Livro é um debate sobre o jornalismo cultural. Como preparar esse profissional e como incentivá-lo? Além disso, não cremos que o jornalista possa sofrer qualquer tipo de concorrência, porque acredito que ele possa aliar-se e convidar articulista de alto mérito para escrever na sua coluna.

O Sr. faz restrições ao diploma?

É impossível um profissional ter uma visão enciclopédica. Jornalista tem que saber escrever. Tem de transmitir os problemas e anseios da sociedade onde vive. Eu penso que esse corporativismo que hoje existe cederá lugar à lógica de que o acesso ao jornalismo se fará pela qualidade, e as escolas terão o mérito de preparar jornalistas para toda uma estrutura técnica e editorial diferente, que é a comunicação. E, finalmente, vale lembrar que existem grandes escritores jornalistas e grandes jornalistas escritores.

Afinal, onde estão os vilões de um mercado editorial sabidamente pobre?

As estruturas editoriais no País, desde há vinte anos, estão ligadas a grandes grupos econômicos e, obviamente, a grandes interesses. Assistimos, com vergonha, acabar a Campanha Editorial Nacional, criada por Monteiro Lobato. Assistimos a José

Olimpio Editora ser adquirida por um diretor da xerox. A Editora mais antiga do Brasil — a Francisco Alves - praticamente desapareceu...

O que o Sr. quis deixar nas entrelinhas? A Editora desapareceu mas não foi extinta? Foge do fisco?

São coisas delicadas. Preferia falar com maior conhecimento de causa. Num outro contexto. É preciso haver seriedade e prudência em certas declarações.

E o grande vilão?

O papel. O papel é exportado a U\$ 380 ou U\$ 400; no entanto, é vendido no mercado interno a U\$ 800 à vista. Se for a prazo chega a atingir U\$ 1.400, o que torna o papel o grande vilão da indústria editorial. Não esquecendo que os insumos do livro, em sua grande maioria, são importados. Nem nos esquecemos de que nossa rede de livrarias é mínima em relação à extensão territorial brasileira.

E a inflação?

Caso seja vendido para os distribuidores em 60 dias, o preço final do livro imbute a previsão de uma inflação futura que, nos últimos meses, chegou a 90%. Assim o multiplicador de custos para edição normal que deveria ser de 3,5 a 5 passa a ser de dez e até 15.

Com todas essa dificuldades, como o Sr. trabalha quixotescamente pelos livros?

É simples. Não vivo da editora. Seria impossível. Contudo, uso criativamente a ociosidade gráfica. Hoje, usando processos técnicos que unem alta tecnologia informatizada ao mais puro artesanato, produzimos pequenas edições a preços competitivos, assegurando assim a saída das gavetas da maior parte dos textos que têm a possibilidade de ser julgados pelo único juíz válido: o

Antes que nos falte espaço, falemos da 1ª Feira Internacional do Livro e da Cultura.

De 28 de outubro a 06 de novembro, Brasília vai reunir, numa experiência única, os expoentes de todos os países. São nossos convidados dois grandes escritores que participarão do Governo Mandela. Um deles, o Prêmio Nobel Nadine Gordimer.

E isso faz de Brasília a capital da Cultura?

Isso mostra que Brasília não é uma cidade de corruptos. Mostra que aqui vivemos, trabalhamos e produzimos cultura. Mostra que temos uma alma.

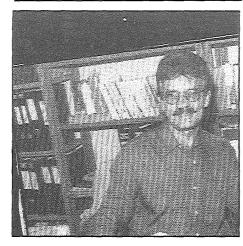
☐ Agenor Gonçaives

primeiro traco temático que se nota no livro do poeta Wilson Pereira é o do retomo à infância, a eterna pátria do menino que não morre nunca, um menino sem fim. São poemas onde a infância brota tão pura como as águas do riacho que, sobre pedras claras, ainda canta sua toada, seu chiado barulhinho de coisa inocente; são poemas em que os olhos da meninice espiam na sombra o vôo estralejado dos pombos dos beirais, o bovino ruminar dos animais do campo, a mansa cor da vegetação azul; poemas em que o adulto, fechado momentaneamente para o mundo, debruçase para o fundo de si e se descobre ao mesmo tempo paradoxal e impretérito; poemas em que o poeta está em movimento constante, porque, embora sendo um, é, no seu próprio dizer, "ambos", "um para o futuro/ o outro para o passado".

O segundo traço do livro beira o filosófico. São textos com a deliciosa irreverência de "Imagem", com o transbordante carinho de "Às vezes", com a jocosa ternura de "Arte", ou com a comovente simplicidade de "Deus esteja nesta casa", cujo aspecto gráfico é um achado de poesia visual. Um bom exemplo dessa poesia de reflexão sobre o estarno-mundo encontra-se em "Nada".

Nada fomos/ nada seremos/ só o pó/ do que somos// e esses gomos/ de venenos// que destilamos/ por pouco nada/ ou menos?

O terceiro traço é o da consciência do homem que observa o seu irmão nas ruas do mundo,



Wilson Pereira, o autor

Pela etérea palhada dos meus sonhos os bois azuis repastam brisa e luar e suas leves ancas tecem danças entre as finas e brancas sedas do ar.

Os longos chifres luzem nos relumbres do orvalho que se move devagar e dos úmidos olhos vagam-lumes para o alto, para o além, o algum lugar.

A efêmera manada então descansa e nas palhas da noite se desmama a rarefeita sede de sonhar.

Aos poucos a manhã azul se impõe e encobre a aura, e luz, e espanta o sonho: meus bois azuis refluem no luar.

O que eu tenho de Minas em mim é este sonho de subir montanhas e garimpar estrelas.

na luta pela sobrevivência. Aqui o poeta vê o desvalido e o pobre, um peão com sua marmita (Peão), um menino catador de lixo (Cena), como também vê o rico, "alguém que é o que tem", alguém que "não devia morrer" (Castigo), para saber que "é de terra, muita terra mesmo,/ que ele precisa/ para preencherse". (Identidade)

Mas há um quarto traço marcante, onde Wilson Pereira retoma a preocupação com aquilo que Autran Dourado chamou de "matéria de Carpintaria" ou João Cabral de Melo Neto denominou "Psicologia da Composição": o fazer poético, em que, nas palavras do autor "o poema está no ar/ com seu halo de poesia" ou "é jogo de montar/ a esmo", onde o "leitor, co-autor/ tem de buscar as peças/ em si mesmo".

O poeta agora é o operário do texto, refletindo sobre o poder e a mágica da própria palavra ou encantando-se pela mágica palavra de outros autores, em evidente metalinguagem e intertextualidade. A consciência de que a poesia é mais do que uma estrada de ida, por ser uma troca, faz o poeta refinar a sua arte, a fim de que a sensibilidade do leitor seja parceira da sensibilidade do escritor. Esse pormenor que considero uma bela evolução da poesia de Wilson Pereira tem seu desenho mais forte no uso de rimas em praticamente todo o livro. Já êm Menino sem fim o poeta abandonava os puros exercícios concretistas do primeiro livro, Escavações no **Tempo**, e assumia uma postura mais (diríamos) discursiva, embora contida como sempre. Neste Pedras de Minas, como Cassiano Ricardo de Jeremias - sem chorar e de **Os Sobreviventes**, o poeta Wilson descobre que a rima embeleza e realça, fluidifica e musicaliza o estrato fônico.

O quinto aspecto do livro é o do amor: amor do adulto pelo menino, amor do homem pela mulher, amor do... exilado por sua terra. São, na realidade, as **Pedras de Minas** que o poeta guardou em si como alguém que as recolhesse no leito dos rios da infância, nos oceanos infindáveis da ternura humana, nos mapas azuis da pátria distante, uma grande coleção de sigilosos guardados.

Por saber que "para a poesia não tem vacina" (contágio), que "as palavras/ são pedras estranhas" (**Pedras**), que "um homem tem os olhos floridos" e que "o amor/ é mais que sentimento", o poeta Wilson Pereira é "tal e qual/ meio pedra/ meio pau/ meio ar/ meio ave", mas sobretudo "arve e mineiral". Só um autor possuidor de tal tesouro criaria em seu curral de sonhos estes belíssimos bois azuis.

As Pedras de Minas, que agora o poeta Wilson Pereira nos doa, tormam-nos mais ricos, mais sonhadores, mais infantes e mais seguros, consequentemente, de que se o mundo continua difícil, torna-se às vezes amável, e de que a vida, apesada aridez, pode também cantar. Basta-nos somente saber — de vez em quando — virar meninos ou virar garimpeiros.

■ Agenor Gonzaga dos Santos é poeta, cronista, ensaísta e professor de literatura brasileira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patos de Minas-MG.



Fernando Naves — PP

Cultura do DF, um Processo em Formação

Fala-se de cultura como se esta fosse apenas o conjunto de manifestações artísticas de um povo ou grupo determinados. "Mestre Aurélio" define este termo como "complexo de comportamento, das crenças, das instituições e doutros valores transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade". Exige-se, então, a existência de fato de uma sociedade organizada que pressupõe a presença do ser como cidadão.

Chegamos à cidadania e, à dignidade que é matriz determinante da

definição do termo Cultura. Granjear meios que permitam a aproximação do Homem-social do cidadão, é criar ambiente adequado para o fortalecimento do processo cu¹tural. Neste aspecto, privilegiados por assistir à concretização de uma sociedade de fato, em pouco mais de 30 anos percebemos que a velocidade da evolução não está ligada à qualidade do resultado. Uma cultura própria e nova, fruto aprimorado da contribuição do cadinho de origens de nossa população se consolida na medida

em que os itens concernentes à dignidade da pessoa humana vão sendo completados. Cada governo será lembrado pela maneira em que contribuiu para o aprimoramento da sociedade, e certamente teremos um papel destacado na medida que o Parlamento local, norteou as instituições através da Lei Orgânica do DF, alçando degraus mais altos na escada das necessidades da organização social, base do perfeito desenvolvimento do processo cultural.

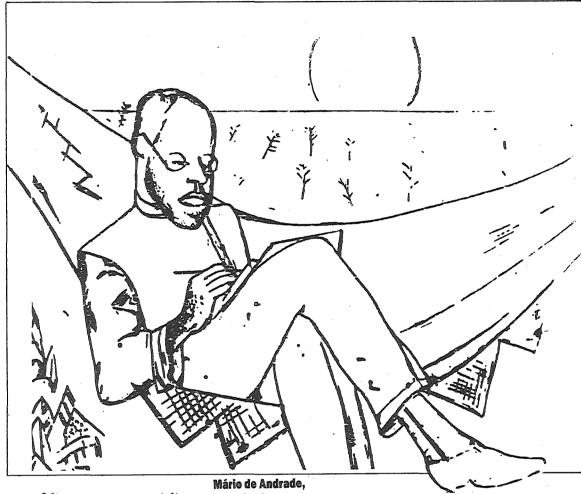
A Presença do Brasil na Cultura de Cabo Verde

□ Cassiano Nunes

De igual modo que o Modernismo, no Brasil, prolongado e amadurecido depois de 30, manifestou o seu profundo anseio de compreensão do. país, o movimento Claridade, no Cabo Verde, surgido em 1936, e liderado por Baltasar Lopes, decidiu pensar e interpretar a unidade luso-africana, típica, do arquipéla-go. Encontrou a autor consa-grado de CHIQUINHO, no Brasil literário da época, o Brasil literario da epoca, o modelo de trabalho e inspiração. Tornou-se lendária a amizade entre Baltasar Lopes e Ribeiro Couto, santista, poeta e contista de alta qualidade e criador da "teoria do ho-mem cordial brasileiro". A influência dos escritores Manuel Bandeira, José Lins do Rego, Jorge Amado e alguns autores nordestinos como Jorge de Lima e Amando Fontes sobre os literatos caboverdianos, tornou-se fato evidente. Temos prova disso ao lermos as numerosas entrevistas de autores caboverdianos, coligidas por Michel Laban em dois volumes indispensáveis para o estudo da literatura da antiga colônia

Num ensaio "Cabo Verde visto por Gilberto Freyre", Baltasar Lopes explica como a leitura de certos autores modernos brasileiros concorreu para que ele e seus companheiros de geração começassem a ver analiticamente a sua terra. Eis algumas das suas palavras: "Há um pouco mais de vinte anos, eu e um grupo reduzido de amigos começamos a pensar no **nosso problema**, isto é, no problema de Cabo Verde. Preocupava-nos o processo de formação destas ilhas, o estudo das raízes de Cabo Verde.

"Entreviamos o problema



mas faltava-nos a especialização e também a experiência deste tipo de estudos. Se exceptuarmos um ou outro domínio, como, por exemplo, o da linguagem, éramos perfeitamente hóspedes em tantos outros, como o da antropologia cultural, da aculturação, das relações de raça e de cultura, do folclore entendido como ciência.

"Precisavamos de certezas sistemáticas que só nos podiam vir como auxílio metodológico e como investigação de outras latitudes. mario de Andrade, desenho de Lasar Segali, 1930

Ora aconteceu que por aquelas alturas nos cairam nas mãos, fraternalmente juntas num sistema de empréstimo, alguns livros que consideramos essenciais **pro domo nostra.** Na ficção, o José Lins do Rego do MENINO DE ENGENHO e do BANGUÊ, o Jorge Amado de JUBIABÁ e do MAR MORTO; o Armando Fontes d'OS CORUMBAS, o Marques Rebelo do "Caso de Mentira", que

conhecemos por Ribeiro Couto; em poesia foi um alumbramento a "Evocação do Recife", de Manuel Bandeira, que, salvo um ou outro pormenor, eu visualizava com as suas figuras dramáticas na minha Vila da Ribeira Brava".

A descoberta da poesia nordestina que o modernismo permitiu eclodir, após alguns anos de sua irrupção, continuou sendo feita pelo autor do CHIQUINHO que confessou: "Em poesia outro deslumbramento foi o Jorge de Lima, em que o sinhazismo da "Nêga Fulô" e o super-realismo do "Menino Impossível" emparceiraram na nossa sensibilidade com o Jorge de Lima da TÚNICA INCONSÚ-TII."

TIL".
Curioso é notar que não só escritores brasileiros de espírito moderno deram sugestões a Baltasar Lopes. Também Afrânio Peixoto, estranho escritor, ainda não bemestudado pela nossa crítica poeta Art Nouveau, cientista, romancista regionalista, erudito, acadêmico típico deu sugestões para a criação nati-vista do líder literário caboverdiano. Ao ler FRUTA DO MATO, do autor de BUGRI-NHA, filho da Chapada Diamantina como Herberto Sales, Baltasar Lopes refletiu: "Tem graça, isto aqui desenha-me ambientes muito parecidos com os nossos... Por que é que eu não faço qual-quer coisa?"

Em 44, surgia o primeiro número de **Certeza**, revista criada por Arnaldo França e alguns colegas seus, discípulos da figura, que podemos chamar de patriarcal, de Baltasar Lones.

tasar Lopes.

Manuel Ferreira, figura literária muito curiosa, português radicado em Cabo Verde, ou mais exatamente, homem que optou pela caboverdianidade — que ele pró-prio tenta definir —, conta como surge e como se estabelece o propósito da procura de uma identidade regional entre a juventude caboverdiana: "Era o tempo em que, nessa mesma poesia, conviviam duas pátrias: a pátria portuguesa, a pátria colonial, a su-perpátria, e a pátria caboverperpátria, e a pátria cabover-diana — a mátria". Prossegue descrevendo a evolução men-tal dessa juventude: "Depois, aqueles jovens sentem neces-sidade de construir uma lite-ratura nova. Não saberão bem como. Mas às mãos vão terlhes os grandes escritores brasileiros Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Jorge Amado, José Lins do Rego, sociólogos como Gilberto Freyre, Artur Ramos - e tudo se lhes ilumina. Uma realidade social, em muitos aspectos semelhante à sua, está ali nos tex-



Maria de Lourdes — PSDB

A Regionalização da Cultura

Os artigos 215 e 216 da Constituição brasileira garantem o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional. Apóiam e incentivam a valorização e a difusão das menifestações culturais, bem como definem o patrimônio cultural brasileiro. Como constituinte acredito que avançamos bastante, embora muita coisa pudesse ser conquistada se a regulamentação das leis ordinárias e complementares estivesse

concluída.

Uma das maiores reivindicações populares feita na Constituinte foi a regionalização das atividades culturais. Artistas do Brasil inteiro lembravam da influência do eixo Rio-São Paulo na vida artística brasileira e a dependência dos artistas destas cidades.
Transferindo esta discussão para o Distrito Federal, necessário se faz a urgente descentralização das

atividades culturais do Plano Piloto

para as cidades-satélites, onde reside 75% da população brasiliense. Foram criados os Conselhos da Cultura que, sem maiores incentivos, pouco realizam nas satélites, tão desprovidas de teatros, centros culturais e promoções artísticas.

Uma política cultural seria oportuna para assegurar o que já existe no Plano Piloto e criar alternativas para as populações das cidades-satélites. tos dos escritores. Têm na sua frente o modelo. A partir daí, tudo foi relativamente fácil — e impressionante"

e impressionante".

Eis o que ele diz sobre a África e sua influência no Cabo Verde. Assim responde a esta pergunta "E a África?": "Não, África não existe, realmente. Por mais que os africanistas caboverdianos queiram, eles vão perder completamente a batalha, porque a África é realmente diluída, muito diluída. Será a caboverdianidade como é a cubanidade e já está a ser o problema da antilhanidade".

Teixeira de Sousa, respeitado médico nutricionista, que é também importante romancista de Cabo Verde, também fala do seu conhecimento das letras brasileiras. que, entre as décadas de trinta e cinquenta, salientaram-se fundindo atualidade e autenticidade: "Através dos claridosos, tomamos conhecimento da nova vaga literária que assolava o Brasil com Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Amando Fontes, Ribeiro Couto à cabeça. Também ficamos empolgados com as vozes que vinham do nordeste brasileiro, cujo ambiente humano se assemelhava ao nosso". O contista de CONTRA MAR E VENTO esclarece ainda melhor o seu pensamento: "A mensagem presencista desespartilhou as vocações literárias levando-as em busca da via pela qual pudessem escrever. A via foi iluminada pela corrente renovadora brasileira da década de 30".

Luis Romano, de raízes afro-luso-judaicas, vive no Brasil desde 1967. É técnico na indústria salineira e radicou-se no Rio Grande do Norte. É autor do romance FA-MINTOS. Em vez de relatar relações literárias, ele prefere comparar estilos de vida: "Apôs o primeiro impacto, compreendi que o homem nordestino não era senão outro irmão meu: caboverdiano com costumes parecidos e vida quase semelhante. A grande diferença entre eles é que o primeiro vive num pais-continente e o segundo nos penhascos de sua ilha. Ambos resistem, com a alternância de fome e fartura, idênticos problemas de desnutrição e desajustamentos sócio-econômicos. A principal realidade social que constatei foi a seguinte: o caboverdiano mantém-se na probreza enfdêmica e o nordestino vive na miséria diária. Desse fato criou-se um paralelismo iramático entre irmãos separados pelo mar ligados, porém, pelo escravismo do monstro secular: o latifundio".

A doçura brasileira (a "morabeza" caboverdiana) atrai Orlanda Amarilis, esposa de Manuel Ferreira. Leu Graciliano Ramos, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade e gostou especialmente de VIDA E MORTE SEVERINA, de João Cabral de Melo Neto, e de O TEMPO E O VENTO, de Érico Veríssimo.

Januário Lopes, sobrinhoneto de José Lopes, na juventude era comparado ao nosso Castro Alves, em virtude de sua basta cabeleira negra. Foi naturalmente leitor do poeta do "Navio Negreiro", de Casimiro de Abreu, de Olavo Bilac. Os velhos almanaques de Lembranças e Bertrand, segundo esse escritor, difundiam os escritores referidos não só em Portugal como também em Cabo Verde. Adolescente, fui leitor do Almanaque Bertrand que me revelou, sobretudo, as poetisas portuguesas: Branca de Gonta Colaço, Virgínia Vitorino, Alice Ogando, Fernanda de Castro...

Januário Leite dá o seu testemunho: "Só tive conhecimento do modernismo brasileiro, a partir de 47, pelo meu tio Baltasar que me deu os livros. Então comecei a conhecer o Mário de Andrade, Bandeira, o Ribeiro Couto, o Jorge de Lima, o Augusto Frederico Schmidt, depois deles, o Drummond, o Ledo Ivo, o Melo Neto e também a ficção em prosa. Em 1947, comecei a conhecer os contos admiráveis de Marques Rebelo". Lendo o "Quincas Berro d'Água" de Jorge Amado, o caboverdiano encontrava o ambiente da sua ilha de São Vicente. Acentua a semelhança entre brasileiros e caboverdianos e conta que seu tio Baltasar Lopes lhe mostrou algumas vezes cartas de Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Jorge Amado. Lembra, finalmente, que o conhecido músico caboverdiano B. Léza introduziu, na música a morna, o meio-tom brasileiro.

Corsino Fortes, poeta que tive o prazer de conhecer pessoalmente, sugere que, no seu poema "Do Nó de Ser ao Ônus de Crescer", há uma possível influência do poema "E, agora, José?" do autor da ROSA DO POVO. Armênio Vieira, na prisão, recebeu, de companheiros, livros de Manuel Bandeira. João Varela coloca, a meu ver, corretamente Jorge de Lima entre os grandes poetas do século, Eliot, Pound, Quasimodo, Pes-

"De igual modo que o Modernismo, no Brasil, prolongado e amadurecido depois de 30, manifestou o seu profundo anseio de compreensão do país, o movimento Claridade, no Cabo Verde, surgido em 1936, e liderado por Baltasar Lopes, decidiu pensar e interpretar a unidade luso-africana, típica, do arquipélago".

soa, Kaváfis e Neruda. Jorge Carlos Fonseca salienta a importância de Jorge Amado e Érico Veríssimo. Jorge Miranda Alfama recorda que o grupo de seus amigos imitava atitudes de "os pastores da noite", inventados por Jorge Amado, ao passo que Ovídio Martins incrustava Pasárgada no seu mundo poético. Doutra geração - a do momento maduro para a revolução - o herói-mártir Amilcar Cabral acusa os claridosos de evasionistas e de admiradores aristocratizantes de Pasárgada. Ignorava por certo o lutador patriota a simplicidade de vida do poeta do Beco das

José Osório de Oliveira, ensaísta luso, muito afeiçoado ao Brasil, tendo chegado a escrever uma pequena mas fina História da Literatura Brasileira, repartia essa paixão ultramarina com o Cabo Verde. Ele estava perfeitamente habilitado a fazer uma análise comparativa 'entre as duas culturas. Destarte, assim se manifestou: "Os caboverdianos precisavam dum exemplo que a literatura de Portugal não lhes podia dar, mas que o Brasil lhes forneceu. As afinidades existentes entre Cabo Verde e os Estados do Nordeste do Brasil predispunham os caboverdianos para compreender, sentir e amar a nova literatura brasileira. Encontrando exemplos a seguir na poesia e nos romances mo-dernos do Brasil, sentindo-se apoiados na análise do seu caso pelos novos ensaístas brasileiros, os caboverdianos descobriram o seu caminho. Um grupo se formou com o

nome de "Claridade". É sabida a origem do nome do grupo caboverdiano "Claridade". Proveio do movimento lançado, na França, após o desconsolo da 1ª Grande Guerra, por Henri Barbusse, autor dos livros antiguerreiros e antiimperialistas LE FEU e CLARTÉ. A corrente repercutiu bem na Argentina onde se fundou importante editora chamada "Claridad". Tanto quanto sei, ela era fortemente política e esquerdista. Curiosamente, em Cabo Verde, perdeu as características políticas. Como Gilberto Freyre, Baltasar Lopes foi até admirador de Charles Maurras, apóstolo da di-reita. No Brasil, "Clarté" ins-pirou o grupo de escritores rebeldes ZUMBI, conforme testemunho do comunista e franciscano Afonso Schmidt. No livro SÃO PAULO DOS MEUS AMORES, o poeta do Cubatão primitivo nos deixa o seu testemunho romântico. Schmidt informa que, no Rio de Janeiro, chegou a sair uma revista chamada "Clarida-

Houve possivelmente bastante correspondência entre escritores caboverdianos e brasileiros. Por isto, deixo aqui uma sugestão: a publicação dessas cartas. Esse relacionamento epistolar evoluiu para atividades de solidariedade literária. Livros caboverdianos, desta maneira, chegaram às mãos de editores

brasileiros.

Essa correspondência, que trata de relações literárias entre o Brasil e o Cabo Verde, praticamente desconhecida no nosso país, merece ser divulgada. É o que demonstra uma carta cordial de José Osório de Oliveira a Manuel Lopes, que aqui vou transcrever:

"Poeta:

Antes do mais, no "Boletim de Ariel" (Rio de Janeiro — R. Senador Dantas, 40 — 5º a — Ano V), de janeiro deste ano, vem um artigo meu onde se lê: "Dois poetas do Cabo Verde, Jorge Barbosa e Manuel Lopes, vão dar-nos, o primeiro, ARQUIPÉLAGO, e o segundo, MOMENTOS, dois livros de versos sobre o drama e a alma das "ilhas crioulas". Um filólogo que se fez romancista — miraculosa transformação — vai dar-nos o romance do Cabo Verde. Chama-se o miraculado Baltasar Lopes da Silva e o romance EXPANSÃO".

Não lhe mando essa revista porque, apesar de ser o correspondente em Portugal, não a recebo, tendo de a comprar dado o desleixo dos brasileiros. Mas mande à redação a "Claridade", pedindo a permuta e o envio desse número de janeiro".

Através da correspondência, José Osório de Oliveira recomenda a Baltasar Lopes que mande o seu romance para um editor brasileiro por intermédio de Lins do Rego ou Giberto Freyre. Recomendalhe também que remeta a revista "Claridade" a Ribeiro Couto que muito se interessa por Cabo Verde (endereço: 136, Van der Astraat, La Haye, Pays Bas.). Aconselha que faça o mesmo para Jorge de Lima (Praça Floriano, 55—11º andar—Rio de Janeiro), e para Mário de Andrade (R. Lopes Chaves, 106—São Paulo).

Ainda recentemente lendo a biografia de Jack Kerouac, de Ann Charters, pude verificar a importânccia da correspondência para a compreensão de uma obra literária. É uma pena que, nos departamentos de Letras das nossas universidades, se dê tão pouca importância ao material epistolográfico.



Geraldo Magela — PT

Contra o esvaziamento cultural de Brasília

Desde que os órgãos nacionais de comunicação retomaram a campanha pela volta da capital da República para o Rio de janeiro, muitos ministérios embarcaram no movimento e fazem manobras de esvaziamento gradativo de Brasília.

O Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC) e o Instituto Brasileiro de Arte e Cultura (IBAC), segundo os decretos que os criaram, devem ser sediados em Brasília, mas esta determinação nunca foi respeitada.

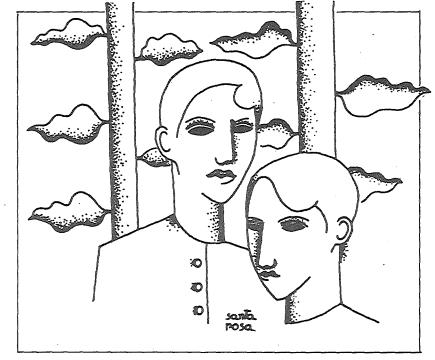
Querem descaracterizar Brasília como pólo de integração política, científica e cultural do país.
Este movimento é um retrocesso para o Brasil, pois com a transferência da capital para o Centro-Oeste, o país ganhou em todos os sentidos. Ocupou fisicamente grandes extensões de

terras ricas e abandonadas e recuperou o sentido de nacionalidade ao voltar suas atenções para milhares de brasileiros cuja cultura não era respeitada nem conhecida nacionalmente.

Defender Brasília não é uma atitude provinciana. Significa a defesa da diversidade cultural, a consolidação do Centro-Oeste como pólo de desenvolvimento para o Brasil.

L'INFINITO (1819)

Sempre caro mi fu quest'ermo colle, E questa siepe, che da tanta parte Dell'ultimo orizzonte il guardo esclude. Ma sedendo e mirando, interminati Spazi di là da quella, e sovrumani Silenzi, e profondissima quiete lo nel pensier mi fingo; ove per poco Il cor non si spaura. E come il vento Odo stormir tra queste piante, io quelo Infinito silenzio a questa voce Vo comparando: e mi sovien l'eterno, E le morte stagioni, e la presente E viva, e il suon di lei. Cosi tra questa Immensità s'annega il pensier mio: E il naufraga m'e dolce in questo mare.



O Infinito

Sempre cara me foi esta erma colina
E a cerrada sebe que de tanta parte
Exclui o olhar do último horizonte.
Mas sentando e mirando, interminados
Espaços de além daquela e transumanos
Silêncios e profundíssima quietude
Eu no meu persar me finjo, onde por pensar
Não se espanta o coração. E como o vento
Ouço aflar entre estas plantas, eu aquele
Infinito silêncio a esta voz
Vou comparando: e me recordo o eterno
E as mortas estações, e esta presente
E viva, e o seu rumor. Assim por esta
Transfinitude se afoga o meu pensar
E o naufragar me é doce neste mar.

O Idílio Leopardiano do Transfinito

Ronaldes de Meio e Souza

Na extraordinária obra poética de Leopardi, notabilizam-se os curtos cantos líricos, concebidos e redigidos entre 1819 e 1821, e compostos de hendecassílabos soltos. O estatuto peculiar destas admiráveis composições é caracterizado pelo próprio poeta, que as distingue com a particularissima denominação: idílios. A originalidade desta caracterização se patentiza quando se compreende que o idílio a que se refere Leopardi não designa a pequena e conhecidissima composição lírica de caráter pastoril, mas, sim, a dramática representação de uma experiência anímica, que se consuma na intuição e na consciência da finitude radical da existência humana. Destes idílios dramáticos ou destas excursões anímicas, a prioridade, não só cronológica, mas também axiológica, pertence a esta obra-prima q u e s e d e n o m i n a **L'Infinito**, cujo sentido, problemático desde o título, solicita uma elucidação hermenêutica.

Os quinze hendecassílabos soltos deste incomparável idílio são regidos pela dialética da rápida sucessão rítmica e da brusca suspensão anti-rítmica. O primeiro verso, um trocaico, termina por duas palavras fortemente sofreadas pelo acento: ermo colle. Este ritmo de transe se repete nos extremos terminais dos dois versos sucessivos que perfazem o primeiro período: tanta parte, guardo esclude. Articulado por uma adversativa balanceada por dois gerúndios, o quarto verso constitui uma retomada do movimento ritmanalítico, que se distende na pulsão sincopada dos encavala-

gamentos desdobrados em adjetivos ainda mais indeterminados do que os anteriores: interminati. sovrumani. O oitavo verso contém uma pausa interna fortissima, e os hiatos suscitam silêncios reforçados pela ruptura da dicção entre io e quello, no verso nono. Acentuado pela tensão dialética de questo e quello, o descaimento rítmico se propaga no truncamento das oxítonas, ampliando-se na repetição dos conectivos que conduzem ao último

66

Transfinito é o infinito composto do finito

9

verso, um hendecassilabo que, como o primeiro, não é a maiorie nem a minore. A singularidade máxima do idílio se atesta, portanto, na fratura extrema do travejamento sintático e do paralelismo fono-semântico.

Em consonância com o conceito leopardiano de harmonia, o grandioso final, que assume quase o valor de rima, reproduz a estrutura interna do verso inicial: expressões dissilábicas, posição central do verbo e do eu que se poematiza no devaneio do infinito. Resta saber, no entanto, quem é o sujeito desta enunciação e, sobretudo, o sentido de seu naufrágio. Sabe-se que a primeira intuição crítica que se torna canônina para o esclarecimento da obra leopardiana é a de Vincenzo Gioberti. Na visão giobertiana, a lei fundamental da poesia e da poética de Leopardi se traduz no contraste dramático entre o ilusionismo do coração e o ceticismo da razão. Encalçando os passos desta interpretação, Francesco de Sanctis define a natureza idílica da poesia leopardiana como a dialética tensa do entusiasmo lírico e do desânimo trágico. Arturo Graf sustenta a tese de que o caráter indeterminado desta linguagem idílica é a expressão consumada do misterioso sentimento do infinito. Atribuindo ao poeta uma profunda aspiração religiosa, Eugenio Donadoni argumenta que o nada, concebido como tradução sensível do infinito, constitui o objeto privilegiado do devaneio idilico. Esta caracterização de Leopardi como cantor do nada (Cantore del Nulla) é parcialmente retomada por Karl Vossler. O resultado hermenêutico desta tradição crítica é que o poeta se nos apresenta submetido ao doloroso re-



Cláudio Monteiro — PPS

Jornal na Formação dos Jovens

O deputado Cláudio Monteiro (PPS) reapresentou na Câmara Legislativa seu projeto de lei que cria no âmbito da Fundação Educacional do Distrito Federal o "Programa de Leitura de Jornais em Salas de Aula". Seu argumento é o de que jornal, além de veículo de formação e informação é acima de tudo cultura. "Precisamos criar em nossos jovens o hábito de leitura e a convivência com o pluralismo de idéias", afirmou Cláudio Monteiro ao insistir na sua proposta, vetada pelo governador Joaquim Roriz mesmo tendo sido aprovada

anteriormente pela unanimidade dos deputados distritais.

Cláudio Monteiro entende que o programa de leitura de jornais em salas de aula, nos moldes em que ele defende, estimulará o senso crítico dos estudantes, ampliará o conhecimento de assuntos que dizem respeito ao desenvolvimento da sociedade e do bem-estar coletivo do indíviduo, sua história e tradições, direitos e deveres, necessidades e aspirações. Isso, afirma o deputado, resultará na indução do jovem para a sua participação na coletividade, além, claro, de proporcionar

uma vivência cultural mais profunda.

Na avaliação de Cláudio Monteiro o Poder Legislativo não pode submeter-se ao Executivo ao aceitar passivamente um veto do governador às suas propostas, como aconteceu com o projeto de leitura de jornais em salas de aula. "Não podemos desperdiçar a intenção de prover o sistema educacional de instrumento tão importante para a formação da consciência crítica dos estudantes e até para o seu aprendizado", concluiu.

gime de fascinação da estranha potência de nadificação do horizonte extremo, liricamente disposto e tragicamente frustrado no anelo dramático de se conseguir o acesso ao inefável sentido do infinito sempre visível aos olhos da imaginação, mas nunca accessível aos passos e trâmites da reflexão. Ao fim e ao cabo, o sujeito lírico se nos revela dividido entre duas solicitações contrárias e contraditórias, e o seu naufrágio apenas confirma o desenredo catastrófico do irredutivel antagonismo dramático. Impensada, porém, permanece uma questão essencial: o infinito e o finito são pólos antagônicos na experiência leopardiana do poetar pensante?

As minuciosas análises estilisticas de Giuseppe de Robertis, Mario Fubini, Emilio Bigi, e os valiosos ensaios de Walter Binni e Cesare Luporini situam a poesia e o pensamento leopardiano na vanguarda literária e cultural da Europa oitocentista. Leopardi é, conforme demonstra Franco Brioschi, o instaurador da moderna lírica italiana. Na formulação de Antonio Prete, a modernidade leopardiana se comprova na interpenetração dinâmica do poetar e do pensar, de que resulta um poetar pensante, a que corresponde um pensar poético. É preciso, contudo, extrair as consequências requeridas pela decantada radicalidade desta revolução estético-literária. O alado ímpeto rumo ao absoluto denuncia tãosomente o legado antiguissimo da tradição ontoteológica da metafísica. A versão literária deste idealismo filosófico e deste misticismo religioso se dramatiza na romântica nostalgia do infinito. O nirvânio desejo de se afo-

gar na infinitude das origens primeiras e dos fins últimos já se reconhece como o acicate permanente da inspiração poética de Gessner, Young, Mazza. A extraordinária novidade do idílio leopardiano consiste precisamente na refutação categórica da vocação lírica e metafísica, que privilegia a infinitude em detrimento da finitude. Ao símbolo escatológico do último horizonte, a que se reporta a noção metafísica do infinito, prontamente se contrapõe a imagem do finito duplamente delimitado pelo ermo colle e por questa siepe. Este serro e esta sebe são queridos, porque restringem o campo visual, delimitam o espaço cênico, convertem a visão inteligível do infinito na contemplação sensível do finito. Înstante e circunstante, a sebe fixa os limites da perceptibilidade, configurando uma dimensão puramente telúrica e mundana, e, ao mesmo tempo, excluindo a visão mística do ilimitado escampo da infinitude. Exsurgindo de uma técnica de anulamento perceptivo em que se realiza uma desejada limitação do olhar, o devaneio idílico não é uma excursão rumo ao superlativo alémtransmundano, mas, sim, uma singularissima incursão na espessura existencial deste mundo espacialmente limitado e tempo-

A inovação radical do poetar pensante de Giacomo Leopardi se condensa na enunciação da natureza ilusória do infinito. A tese de que o infinito é uma ilusão metafísica se converte num dos motivos recorrentes 'das reflexões acerca da cultura e da literatura da antiguidade em confronto com a modernidade, que Leopardi registra, de julho de 1817 a de-

ralmente finito.

Ensaio Literário

zembro de 1832, numa espécie de diário intelectual que se intitula **Zibaldone.** publicado pela primeira vez, em sete volumes, entre 1898 e 1900, pela comissão presidida por Giosue Carducci e, mais recentemente, accessível na edição de Walter Binni (Zibaldone di Pensieri. Firenzi, 1976). No estilo sincopado destes fragmentos estéticos, o infinito se define como um sonho sem sonhador, um postulado meramente fantástico, uma idéia contraditória e metafisicamente falsa. Não há o ilimitado; algo sem limites equivale a coisa nenhuma (1 Maggio, 1826). O infinito não é, senão o inexistente, o nãoser, o grão nulo do nada (2 Maggio, 1826). Sejam cognitivas, afetivas, volitivas ou imaginativas, as facul-

dades humanas são capazes de uma concepção indefinida, mas não infinita. Sobre as sensações e comoções desencadeadas pelo indefinido, o poeta remete o leitor para o seu famoso idílio, sublinhando a indefinição provocada pelas sinclinais e anticlinais de um terreno ondulado, pelos aclives e declives de uma encosta, de uma colina, por uma fileira de árvores, cujo fim se perde de vista e, sobretudo, enfatizando que L'Infinito poematiza um contraste superlativamente sublime e poderosíssimo entre o finito e o indefinido (un contrasto efficacissimo e sublimissimo tra il finito e l'indefinito) (1 Agosto 1821). Irônico desde o título, o idílio do infinito é o devaneio do finito que se

torna indefinido por obra e arte de um delimitante visual, de um horizonte real. Escrever idilicamente significa circunscrever a finitude, e não se dissolver na infinitude.

O contraste dramático entre a ilusão lírica e a desilusão trágica não é, conforme pretende a tradição crítica, a chave hermenêutica do fingimento idílico. E não o é por três razões fundamentais. Em primeiro lugar, porque o sujeito idilicamente poematizado denuncia o infinito como uma mera ilusão. Na ilusão do infinito, o genitivo é objetivo, e não subjetivo. O infinito ilude, mas a persona ficta do poetar pensante não se deixa iludir. Em seguida, porque o contraste leopardiano se dá entre o finito e o indefinido, e não entre o finito e o infinito. Finalmente, porque o eu que se compraz na visão do finito pontuado pelo indefinido não experimenta nenhuma cisão dolorosa ou desilusão trágica, mas, sim, um plexo de sensações agradáveis (Circa le sensazioni che praccione pel solo indefinito puoi vedere il mio idillio sull'Infinito) (Agosto 1821). No Zibaldone se propõe até mesmo uma teoria do prazer solidariamente vinculada ao sortilégio poético do indefinido, do sugerido, do interminado. De acordo com esta doutrina estética literariamente consubstanciada numa estilística da sugestão, tudo que desperta idéias indefinidas provoca sensações agradabilissimas. Enumeram-se, por notáveis exemplos, os objetos apenas entrevistos devido a impedimentos, a luz solar ou lunar, contemplada de um ponto em que não se divisa a fonte luminosa, um lugar parcialmente iluminado, e os variados efeitos materiais



Tadeu Roriz - PP

Músicos do DF se Apresentarão em Praças Públicas

incentivar os músicos da Cidade,

Os espaços públicos de Brasília estão prestes a "mudar de cara" para dar lugar a apresentações artísticas e musicais. É que a Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo está analisando a implantação de uma indicação de autoria do deputado Tadeu Roriz (PP), que cria locais específicos, em áreas públicas, para a apresentação de músicos e artistas profissionais e amadores. A proposta, aprovada por unanimidade na Câmara

Legislativa, visa popularizar a arte

no Distrito Federal, além de

muitas vezes sem oportunidade de divulgar seu trabalĥo. Alguns países adiantados já dispõem de locais públicos fixos, em área de grande circulação, para a

apresentação de músicos e artistas em geral. São cantores, guitarristas, violinistas, violonistas e outros artistas, que a critério do público, recebem incentivos através de moedas deixadas nas capas dos instumentos. "Na inglaterra, eles são chamados de "baskers" e se

apresentam em áreas selecionadas pela prefeitura. Os horários são divididos, de forma que na mesma praça se apresentem vários músicos durante o dia", explicou Tadeu Roriz.

O Deputado acrescentou ainda que muitos músicos hoje de renome internacional começaram a divulgar seu trabalho em praças públicas. Tadeu acredita que muitos músicos desempregados do DF poderão se beneficiar com a indicação, que vai atuar, principalmente, como educação à população.

eis a genuina descoberta

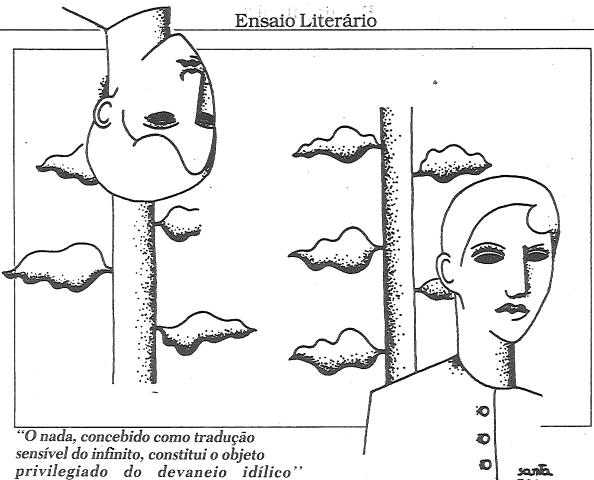
leopardiana: a idéia de

uma grandeza infinita de-

riva da grandeza que cai

que decorrem dos reflexos da luminosidade, e a propagação difusa do jogo das luzes e das sombras. Para este prazer contribui a variedade, a incerteza, o não-ver tudo e, por isso mesmo, o poder espacejar com a imaginação o que não se vê (A questo piacere contribuisce la varietà, l'incertezza, il non veder tutte, e il potersi percio spaziare coll'immaginazione, riguardo a cio che non si vede) (20 Settembre 1821). Sentando e mirando, o eu que se poematiza vislumbra, imagina, para além da sebe, os espaços interminados e os transumanos silêncios.

O idílio leopardiano é o idyllium, o cidyllion, diminutivo de eidos, forma, aspecto. Supõe uma visão restrita e confinada. Recusa o olhar eidético. metafísica e nostalgicamente devotado à contemplação mística das idéias arquetípicas ou das essências intemporais. O eu que se finge no devaneio idílico é o que se forma numa intuição puramente sensível do espaço demarcado pelo horizonte, e que se representa detido no impulso intempestivo de se ultrapassar e diluirse na excessividade caótica do indiferenciado. Sempre caro mifu quest'ermo colle. Mi fu não se refere ao passado. O que passou não se compatibiliza com o advérbio Sempre. Fu é um pretérito mitopoético, que evoca um sucesso de uma vez por todas acontecido, e que, por isso mesmo, se torna vigente para sempre. Situado exatamente no meio do verso inicial, este verbo centraliza um destino vital, assinala uma experiência fundamental, adensa e concentra um drama de auto-reconhecimento, que se explica nos



três momentos essenciais do poema. O primeiro se atualiza numa adesão espacial de natureza involuntária, indeterminada e dispersa, que seduz a alma e a conduz ao limiar da vereda abissal de um nada descomunal, onde o coração pressente o pavor do aniquilamento diluvial (... per popo/11 cer non si spaura). A pausa interna fortissima deste oitavo verso acentua justamente a suspensão anti-rítmica da pretensa excursão anímica rumo ao ominoso abismo. O segundo momento se realiza numa reconstituição temporal, articulada por uma soleníssima sensação auditiva, em que o rapto anímico é neutralizado e contido pela misteriosa voz do vento (... E come il vento/Odo stormir tra queste piante...). A profunda conscientização provocada pela trama fono-semântica deste múrmuro momento se

clarifica quando se nota que anima deriva de anemos, vento. Em grego, espírito se diz pneuma, o spiritus dos latinos, o alento, o sopro. Pneuma e spiritus provêm de pnéo e spiro, ambos significando respirar (**Zibaldone**, 4 Febbraio 1821; 15 Maggio 1821). Resistindo ao rapto mortal, o ruflar do vento e o sussurrar da alma são o anverso e o reverso de um mesmo aspirar o alento vital. Enfim, o terceiro momento se consuma numa fusão do espaço e do tempo, de que resulta uma dimensão em que a existência se verticaliza na matéria vertente da recordação do que foi, do que é, do que será. Tudo paira suspenso na fuga reminiscente da música silente (... e mi sovvien l'eterno/E le morte stagioni, e la presente/E viva, e il suon di lei...).

O moto perpétuo do

tempo é a matéria vertente do eu que se converte no guardião do duplo domínio do vivo e do morto (... e mi sovvien l'eterno..). Subvenire, vir do fundo do que foi (fu), exsurgir da mais recôndita Intimidade da alma, trazer ao coração o selado segredo do espírito. O eterno não é o ser, mas o advir e devir no horizonte móvel das estações existenciais. Não há simplesmente o ser eterno, mas antes o eterno ser. Ao invés de exprimir o infinito, o interminável, o imortal, a idéia leopardiana da eternidade significa o finito, o que foi (defunctus), o adormecido subterrâneo morto (L'idea dell'eternità entra in quella di ultimo, finito, passato, morte) (30 Maggio 1822). A eternidade não se contrapõe ao temporal, ao sensível, ao mortal, mas se compõe da própria temporalidade. O infinito provém do finito,

sob os sentidos, e não é obra totalmente da imaginação, pois, como já disse, a imaginação frequentemente se compraz no circunscrito por não ver mais do que o bastante para poder imaginar (l'idea di una grandezza infinita deriva daquella grandezza che cade sotto i sensi, e non e opera totalmente dell'immaginazione, laquale come ho detto, si compiace alcune volte del circoscritto, e di non vedere piu che tanto per potere immagi-nare) (25 Iuglio 1820). A imaginação não é uma aspiração ao infinito, nem um vôo cego no vazio nirvânico, mas uma inspiração (pneuma) do finito. O poeta nomeia, portanto, dois infinitos: o infinito contraposto ao finito, que se denuncia como uma ilusão ótica, e infinito composto do finito, poeticamente delineado na espessura existencial do horizonte circunscrito pela finitude radical da natureza, inclusive a humana. Postulação de uma essência absoluta, o infinito não é, senão enquanto devem na gestação de uma existência finita. A vida não subsiste, senão porque a morte existe. O morto nunca é passado, mas o eterno finito, por ter sido e permanecido o que foi e sempre será: uma presença ausente. Completamente alheio e estranho ao infinito da essência, o infinito da existência é. na verdade, o transfinito poematizado nos três êxtases do tempo. Transfinito é o infinito composto do finito.

Ronaldes de Melo e Souza é professor de Teoria Literária da Universidade de Rrasília



Maurílio Silva — PP

Por uma Tradição Cultural na Cidade

Brasília tem um problema sério em relação à cultura, normalmente confundida com educação. São duas áreas relacionadas, porém distintas, e investir em educação apenas não implica resolver os problemas do setor cultural da cidade. Em mais de 30 anos no DF tenho observado a dificuldade de se instituir aqui uma produção artística definida, com a "cara" de Brasília.

Sou co-autor do projeto de incentivos à cultura e que resultou na lei Nº 158/91, regulamentada pelo decreto 13674, de 1991. E,

mais que um mero observador, tenho estudado formas de abrir espaço à implantação de uma política cultural para a cidade. É certo que temos aqui a junção de várias culturas, provenientes dos diversos estados brasileiros com representantes no DF, pessoas de outras localidades residentes em Brasília. Esse fenômeno dificulta a identificação de um traço que defina a cultura candanga, como acontece em outros estados, onde basta assistir a um espetáculo ou visitar feiras de artesanatos para reconhecer a origem cultural da obra.

Para que cheguemos a essa definição, credito que só através de mais incentivos, além dos já alcançados com a lei nº 158/91, obteremos um resultado favorável. Mais discussões em torno do assunto também vão favorecer um discernimento nas artes brasilienses. Cultura demanda tradição, preservação de costumes e a vontade de uniformizar tudo isso, desenhando assim um perfil da Capital da República, em seu aspecto até histórico. Cultura não se produz do dia para a noite, mas pode começar a ser reforçada desde já na cidade.

O Modernismo

em Minas e o Grupo

de Cataguases

☐ Ronaldo Cagiano Barbosa

"Todo o Brasil está surpreso: existe Cataguases!". Com esta exclamação, o célebre escritor Ribeiro Couto inaugurava a reação dos intelectuais dos grandes centros diante do aparecimento da Revista Verde, arauto de uma corrente literária surgida em Cataguases, na década de 20, chamado Movimento Verde, tendo como signatários Rosário Fusco, Ascânio Lopes, Enrique de Resende, Francisco Inácio Peixoto e Guilhermino César. Estava definitivamente fundada uma vertente mineira do movimento paulista, anteriormente deflagrado pela Semana de Arte Moderna de 1922, por Oswaldo e Mário de Andrade. Apesar das poucas pretensões, como diziam no seu "Manifesto do Grupo Verde", os idealizadores dessa proposta romperam as fronteiras interioranas, despertando interesse no resto do País, quiçá no exterior, merecendo inclusive a atenção de Blaise Cendrars, poeta francês.

O "Grupo Verde" atraiu colaboradores dos meios literários do Brasil. A exemplo de revistas como a Klaxon, Festa, Antropofagia, Pau-Brasil, A Revista e outras, a Verde juntou-se ao eco da revolução estética ensejada pelos modernistas, exorcizando a literatura tradicional e impondo-se como periódico de importância literária, conquistando a adesão de Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, Menotti del Picchia, Murilo Mendes, Pedro Nava, Mário de Andrade, Aníbal Machado e uma turma de

poetas e escritores que já pontificavam no meio literário.

A Verde durou pouco mais de dois anos (1927-1929) e seu número derradeiro saiu após a morte de Ascânio Lopes, o mais refinado integrante do grupo, ceifado pela tuberculose ainda jovem, cujo trabalho foi comparado pelo crítico literário Delson Gonçalves Ferreira, da UFMG, à poesia drum-mondiana, tal a coincidência de temas e semelhança de recursos verbais. Sem Ascânio, a **Verde** nunca mais saiu, e apesar de sua efemeridade, firmou-se como um suplemento inovador, dada a ousadia daqueles moços, ginasianos ainda, que foram chamados de "os ases de Cataguases".

O Movimento Verde produziu seus frutos, pois a partir dessa centelha, Cataguases experimentou posteriormente agudo processo de incremento cultural, com a eclosão de outras correntes literárias.



Jorge Cauhy — PP

Novo Espaço Cultural

Empenhado em ampliar o espaço cultural do DF, o Deputado Jorge Cauhy (PP) espera ver aprovada sua proposta que autoriza a instalação de atividades de prestação de serviços de promoção e realização de eventos de natureza social ou cultural, em edificações de uso residencial do Setor de Mansões Park Way.

Para o parlamentar, trata-se de uma iniciativa capaz de abrir novas oportunidades de trabalho e geração de empregos, melhorando ainda a opção de lazer para a população que terá à disposição uma variada gama de espetáculos.

Pela proposta, fica preservada a manutenção do projeto urbanístico do setor, não havendo nenhuma necessidade de alteração do conjunto arquitetônico, o que mantém inalterada a destinação da área.

— É um esforço a mais no sentido de difundir empreendimentos sócios-culturais e a busca da descoberta de novos talentos, o que por certo ocorrera com a abertura de mais espaços.

Embora o País esteja mergulhado em uma série de dificuldades e sua população convivendo perplexa com as sucessivas crises políticas, morais e econômicas, não se pode relegar a cultura a um compasso de espera por melhores dias. A despeito de todos os problemas, ela tem de ser encarada como uma constante prioridade, já que é parte inerente da grandeza de qualquer povo.

Para se ter idéia da importância da cultura no desenvolvimento de uma nação, basta lembrar a Grécia. Muitos séculos antes de Cristo ela se destacou justamente neste campo, legando para posteridade um exemplo do brilho intelectual de seus filhos.

motivada pela arrancada estética que a colocou no cenário das Letras. Francisco Inácio Peixoto e Rosário Fusco contribuíram para inserir Cataguases, uma cidade até então de vocação fabril, no roteiro do mecenato. É que Chico Peixoto juntou-se, como Fusco, aos mais importantes nomes das artes e da literatura da época, patrocinando investimentos em diversos campos da arte ao atraí-los para lá, deles auferindo uma participação intensa na vida municipal. Zina Aita, Ícaro, 1922, nanquim. Coleção particular. São Paulo.

Daí resultaram aquisições importantes para o lugar. Portinari, Oscar Niemeyer, Bruno Giorgio, Emeric Mercier, Anísio Medeiros, Djanira, Bolonha, dentre outros artistas, deixaram lá suas obras, motivo de intensa peregrinação turística. Portinari pintou o famoso painel "Tiradentes" para o Colégio de Cataguases, este projetado por Niemeyer, com jardins de Burle Marx e escultura de Giorgio. Além disso, produziram inúmeras obras, entre painéis em azulejos, afrescos, residências luxuosamente projetadas e outras manifestações artísticas.

Vale destacar que paralelamente a este movimento, surgia o cinema pioneiro de Humberto Mauro, disseminando o chamado 'Ciclo de Cataguases'', que produziu películas antológicas, como Ganga Bruta, Brasa Dormida e Thesouro Perdido, reliquias da cinemateca nacional. O conjunto da obra maureana tem interessado a críticos de cinema e arte, como Alex Viany e Paulo Emilio Salles Gomes (in "Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte"), que analisa a importância de sua produção e sua influência no cinema novo e nas gerações seguintes.

Mais tarde, outros movimentos tiveram ensejo, como o grupo Meia-Pataca, formado por Lina Tâmega, Plinio Filho, Celina Ferreira, Francisco Marcelo Cabral, Lecy Delfim. Depois. veio o concretismo e a poesia, processo através de Joaquim Branco, Ronaldo Werneck e Pedro Branco Ribeiro. E mais adiante, na esteira desse processo, a poesia de Márcia Carrano, os contos de Alcino Antonucci, a prosa de Washington Magalhães, o teatro de



Renato Silva, Ilustração para revista, C. 1925.

Carlos Sérgio Bittençourt, Ady Rezende e Di Carrara.

O universo de criação e renovação cultural proposto pelo Grupo de Cataguases, os "Verdes", foi reconhecido nacionalmente por muitos críticos e é motivo de estudos e interpre tações no campo da Literatura, situando a Revista Verde como um ato de resistência, ousadia e independência, que rompendo as amarras do comodismo paroquiano e desatando as algemas dos tradicionalistas, numa cidade mineira da década de 20, conseguiu impor-se como uma autêntica e competente produção literária.

Hodiernamente, Cataguases ressente-se de uma certa apatia no âmbito

dessas produções, preferindo alimentar um saudosismo inócuo e uma nostalgia inconsequente, já que novos movimentos insistem em hibernar-se, ora por rejeição do **status quo** político, ora por força das condições econômicos, que não permitem maiores investimentos nessa área.

Espera-se que a ebulição criadora daqueles tempos possa retomar o seu leito e levar a nova safra a propostas que possam despertar outras salutares e produtivas inquietações.

■ Ronaldo Cagiano Barbosa é poeta e advogado, publicou três livros: Palavra Engajada, Colheita Amarga e Outras Augústias e Exílio. Tem artigos publicados em diversos jornais e revistas. Natural de Cataguases (MG), residente em Brasília há 13 anos.



Odilon Ayres — PMDB

Prioridade à Cultura do DF

Precisamos valorizar o potencial cultural do Distrito Federal. A cidade é jovem, tem quase 34 anos, mas já apresenta um grau de cultura muito elevado, que nasceu do acervo herdado dos estados da Federação, diante de sua população heterogênia. Os valores são expressados através de diversas atividades: músicais, teatro, esportes e cinema, entre outras. Da terra já partiram

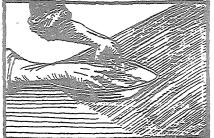
vários nomes famosos como Ney Matogrosso, Raimundo Fagner, Jessé, Osvaldo Montenegro, Célia Porto, Kássia Eller, Paralamas do Sucesso e Lagião Urbana. No esporte, para citarmos apenas alguns, estamos bem representados pelo tricampeão Nelson Piquet e pelos corredores Joaquim Cruz, pelos jogadores Oscar, Tande. No cenário artístico, exportamos vários atores e atrizes, como

Françoise Furton e Mariane Vicentinni, e tantos que participaram de diversas filmagens. O espaço é pequeno para desfilar o cadastro tão grande. O importante é que devemos explorar mais o potencial artístico cultural do nosso povo, para que tenhamos condições de mostrar que em pouco tempo o DF será um grande centro irradiador da cultura do País.

No sétimo passo

cai pela segunda

No primeiro passo, Jesus é condenado



A Condenação

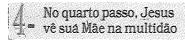
Não foi bem a coroa dos espinhos, nem seu corpo sangrento flagelado, nem os impios deboches escarninhos a dor major do Cristo condenado!

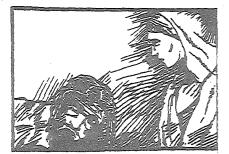
Fomos nós que, medrosos e mesquinhos fomos nós que o deixamos desamado!

— Forjando mil razões pelos caminhos, ninguém de nós estava do seu lado!

Que nós, imitadores de Pilatos, lavamos nossas mãos perante os atos que deveriam ter o nosso não!

Deixando-nos levar pelo terror de sermos responsáveis, demos dor e fomos os arautos da omissão.





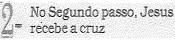
Via Dolorosa

Não há em Jerusalém mais triste via que aquela onde, sofrendo em amargura, Jesus, levando a cruz, sentiu a pura presença dolorosa de Maria.

E o pranto que nos olhos dela via, iluminando em luz a viela escura, o consolou da trágica tortura que a maldade dos homens lhe infringia

Mas, ante o sofrimento que enlouquece, Maria dominou-se e, em choro e prece, calou seu desespero e se fez forte...

Não há rua mais triste e dolorida que aquela onde Maria viu a vida levando a cruz sangrenta rumo à morte!







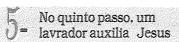
O Signo da Cruz

O machado golpeia o tronco augusto, as pancadas reboam pela serra, e, trêmulo de dor, rangendo em susto, o cedro vacilante cai por terra.

A Lâmina desbasta o nau robusto. o tronco é dividido. O cravo ferra a união da travas sob o encaixe justo, e surge a cruz, que o signo-dor encerra

O signo-dor da cruz! o horror-delírio de Cristo a carregá-la em seu martírio por ruas e por becos entre o povo...

Ah, o signo-dor, que ao receber Jesus martirizado sim, no entanto luz, se torna signo-amor, e vive novo





O Lavrador

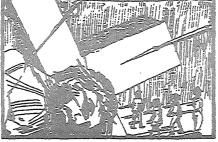
Simão Cirineu deixou seu arado no campo lavrado e ao Cristo acorreu

E ao vê-lo cansado. sem nada de seu, tomou-lhe o seu fardo nos ombros o ergueu..

E, a cruz carregando. Simão, ofegando sentiu de repente

que a cruz era arado, arando o pecado na vida da gente!

cai pela primeira vez



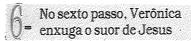
A primeira queda

Jesus tomou o mundo sobre o ombro e tropeçou, não suportando o mundo. E tudo em volta foi para o profundo abismo apocalípto do assombro!

A multidão se riu do próprio escombro e só notou, caído em solo imundo, o frágil condenado em quem, no fundo, reconhecia forte em desassombro.

Mas era necessário prosseguir, que o Zênite começa no Nadir, que todo fim resulta de um início...

Assim, de amor ao mundo indiferente. Jesus levanta o mundo novamente, em direção ao próprio sacrifício!



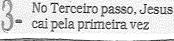


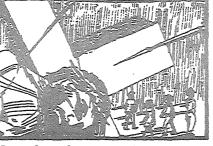
O Gesto

A Verônica, vendo Jesus Cristo carregar uma cruz que não merece, ouvindo a rude gente que escarnece, sentindo-o resignado a sofrer isto, Na inspiração do impulso e do imprevisto retira o véu da face (que aparece profundamente bela) e, como em prece, enxuga o rosto dele, tão malquisto...

Um gesto feminino, um gesto de ave, trazendo à procissão medonha a suave presença da esperança caridosa.

Um gesto que foi bálsamo e foi ninho, um gesto feito amor, um gesto-rosa pousando onde o tormento era de espinhol





O CIRCO

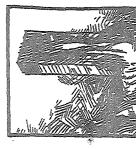
A canalha sinistra se avoluma e segue, interessada, o sofriment de Cristo a carregar o seu mome de cruz e morte — dor humana

Soldados riem. O piazer ressuma no grito dos moleções. Segue o la cortejo, onde o deboche reina, at aos tropeções. Não há piedade al E quando o Cristo cai sob o mad

a turbamu m gargalk oss diverte-se, rástica e ven

Não percebia, o circo caricato, quem eram os palhaços — e em findava o bem e seiniciava o mal

No décimo seg Jesus morre n



CRUCIFIXO

Suspenso da cruz, os olhos dos, das trevas mertos, é morto Jesus!

É morto. E seu cadáver nos condu com seus braços sangrentos, mas os passos tão venais e lão incertos dos homens pelos séct los sem luz

Que, após a agonia repleta de enganos do trágico dia, de sob a coroa de espinhos humanos, seu rosto perdoa!

Estudante precisa ter acesso à cultura



Aroldo Satake — PP

O cidadão armazena em si as influências de seu meio e comporta-se de maneira singular ao assimilar informações, que passam a influir em sua maneira de ser. Ao propor a Lei 611, democratizando a expedição das carteiras de estudantes que dão direito à meia-entrada em casas de espetáculos, o objetivo foi oferecer meios para que os estudantes, quase sempre com parcos recursos. possam frenquentar os locais onde, além do lazer, são transmitidas

informações culturais. Com a crise econômica que enfrentamos, é muito difícil levar o jovem que estuda a interagir com seu tempo. Colocando este serviço ao seu alcance, um processo que antes era autoritário e moroso, passa a ser democrático e ágil. Esta lei foi regulamentada recentemente e sua eficácia dependerá da organização e interesse das escolas em oferecer esse beneficio ao aluno, com presteza. Para que isso aconteça é

necessário, também, que o estudante conheça este direito e faça-o valer.

☐ Eno Teodoro Wanke

Quadros de Márcia Cardeal

Acreditamos que dessa forma estamos contribuindo com a cultura nacional e regional, na medida em que oferecemos vantagens legais ao estudante na hora da compra de um ingresso para o teatro, o cinema e outros tantos espetáculos pagos. Assim, o estudante terá acesso as manifestações artísticas que formarão a sua cultura.



ho passo, Jesus segunda vez



r ressuma

Segue o lento

è reina, atento

ob o madeiro

lt osseiro,

iricato.

iva o mal

jiedade alguma!

A ÜLTIMA PARÂBOLA

No oitavo passo, Jesus fala

às mulheres da multidão

oluma As mulheres choravam longos ais na subida do Gólgota. E eis que assim falou Nosso Senhor: "Por que chorais? sofrimento eu momento — Chorai por vossos filhos, não por mim! ir humana, em suma

> "Felizes sois se não amamentais melhor se sois estéreis, pois, enfim, evitareis os tempos, e não ma vereis da vossa estirpe o rude fim!

'Que os homens, em terror, se acolherão ao seio das montanhas, e o clarão irá buscá-los no mais fundo beco...

"Olhai, neste momento, para mim:
— Se o tronco verde é maltratado assim, como será acolhido o tronco seco"?

No décimo terceiro passo,

Jesus é descido da cruz

no segundo passo, orre na cruz



sconduz

icertos

iem luz

s, mas abertos,

No décimo-terceiro passo, Jesus é descido da cruz.

PIETA

Espadas de agonia já sofrida põem roxo no cenário derradeiro. O corpo, despregado do madeiro. é lágrima de carne dolorida. Jesus, o Cristo, o Ungido, o Deus sem vida.

regressa à terra, enquanto o nevoeiro da noite sobe, como quem se olvida enfim, de um espetáculo agoureiro

José de Arimatéia desce o morto da cruz, enquanto a tarde carregada aumenta nosso triste desconforto...

O pranto das mulheres recrudesce. o dia morre, a sombra em volta é prece e espanto, prece e dor, luto e mais nada No passo nono, Jesus cai pela terceira vez



Jesus, chegando ao alto do Calvário, caiu mais uma vez, sem dar um grito, levado pelas forças do infinito a suportar o horrror do seu fadário.

Jerusalém, guardando o itinerário de pétalas de sangue no granito do calçamento, mostra um ar aflito nos longos do seu cinza milenário..

Alçando o olhar do látego do algoz, Jesus, chorando lágrimas por nós, abafa a dor terrível que o domina,

e sente em si uma palpitante calma, pois algo lhe assegura, dentro da alma, que o céu está mais perto, da colina.

No décimo quarto passo. Jesus é sepultado no horto



No décimo-quarto passo, Jesus é sepultado no horto.

A Catedral de Cedros

As pétalas de flores amarelas choravam sobre o túmulo...O quebranto do pôr-do-sol tecia um suave manto de sombras infinitas paralelas..

As árvores esguias e singelas erguiam braços ogivais de espanto aos céus tinindo cores. Isto enquanto o enterro de Jesus passon por elas.

O séquito parou, Que negra tumba! A laje, pesadíssima, retumba ao fim de uma jornada escura e insana

O chão da catedral de cedros do horto se abriu, sepulcro e dor, para o Deus morto, e foi refúgio contra a Noite Humana

No décimo passo, Jesus é desnudado



A TÜNICA

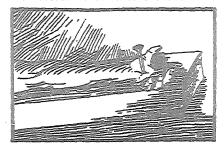
Que angústia vibra no ar? Que desespero corrompe a luz do Gólgota medonho Que pesadelo paira sobre o sonho messiânico ruindo, inerme e inteiro?

O Nazareno, o pálido cordeiro nas mãos da soldadesca e do demônio, é desnudado! Há um tom de gesto errôneo naquele aviltamento zombeteiro...

Por que razão a túnica manchada de pó, de sangue e suor é disputada assim como se fosse algo sublime?

Talvez por que ela seja o que parece, menos roupa, mais súplica e mais prece rezada por quem vai morrer sem crime.

No décimo primeiro passo, Jesus é erguido na cruz



os cravos

Jesus estremeceu, quando o martelo bateu, o cravo penetrou na mão, rompendo nervos, frio, sem paixão, e o sangue respingou, rubro libelo.

Foi como se existisse algum duelo da carne frágil contra o coração de pedras dos verdugos, onde não crescia mais que o ódio e o flagelo..

Pregado, mãos e pés, na cruz deitada, olhando rumo ao céu, sentiu-se um Nada na imensa solidão do seu desterro.

Mas, quando a cruz se ergueu no azul do espaço seu corpo, nu e dorido, foi abraço de amor a toda humanidade em erro.

Em resposta ao anúncio que o "DF Letras" fez conclamando a participação de escritores e poetas em suas páginas, o autor enviou um opúsculo so-bre a Via Crucis. Retratou o martirio de Cristo pela sua veia poética.

Seu Nome: Eno Teodoro Wanke. Ele nasceu a 23 de junho de 1929 em Ponta Grossa, Paraná. Engenheiro e administrador fez carreira na Petrobrás. É hoje aposentado, dedicando-se inteiramente à literatura.

Publicou seu primeiro livro em 1953, pelo que, neste ano de 1950, está comemorando seu 40º aniversário daquele acontecimento.

Tem mais de quinhentos títulos publicados, entre livros e livrotes. Sua vida e sua obra foram analisados por Therezinha Radetic no livro ENO TEO-DORO WANKE, SUA VIDA E SUA OBRA. É poeta, trovador, sonetista, contista, biógrafo, ensaísta, lexicógrafo, folclorista, clequista, etc.

Iniciou a publicação de suas memórias, previs-

ta em pelo menos dez livros sob o titulo geral de OS TEMPOS DO NUNCA MAIS: 1 — A saga dos imigrantes (Os antepassados): 2 — Menino de serraria, (Infância): 3 — A santa cruz do internato; 4 — O despertar do amor; etc. Para correspondência: Rua General Glicério 407 ap 602 22 245-120 – Rio de Janeiro, RJ

EDIÇÕES PLAQUETTE, Rio, 1993 — Publicação nº 516. Ele escreveu. "O DF Letras" hlica!.



Gilson Araújo - PP

Concha Acústica para a Praça das Fontes

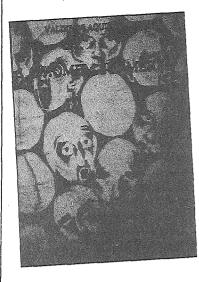
A Praça da Fonte, localizada no Parque da Cidade, tem sido palco de vários eventos culturais. A programação inclui inclusive, participações de grandes orquestras e, por isso é preciso que seja construída com urgência uma concha acústica no local. Essa concha é de grande importância porque irá melhorar a qualidade do som, além de aperfeiçoar a técnica dos espetáculos. Sensibilizado com esta questão, apresentei moção à Câmara Legislativa reivindicando a construção da Concha Acústica.

O Parque da Cidade é uma grande área de lazer e tem atraído muita gente para os eventos culturais realizados na área. Quanto à Praça das Fontes, está agendado uma série de espetáculos que, certamente irá agitar a vida cultural na cidade. O local é propício à aglomeração de público e não possui qualidade acústica. O problema é sério e, recentemente motivou o cancelamento de um show que seria realizado por uma

orquestra de renome nacional.

Como deputado, sou consciente da impotância da cultura na vida do homem. Trabalhar em prol da cultura é um dever de todos nós. As manifestações culturais então enraizadas com as nossas origens e um País sem cultura não tem história. Vale ressaltar que Brasília é uma cidade carente de grandes espetáculos, o que não ocorre no eixo Rio-São Paulo, e como alternativa temos que melhorar cada vez mais tecnicamente para aperfeiçoar a nossa arte.

ESTANTE



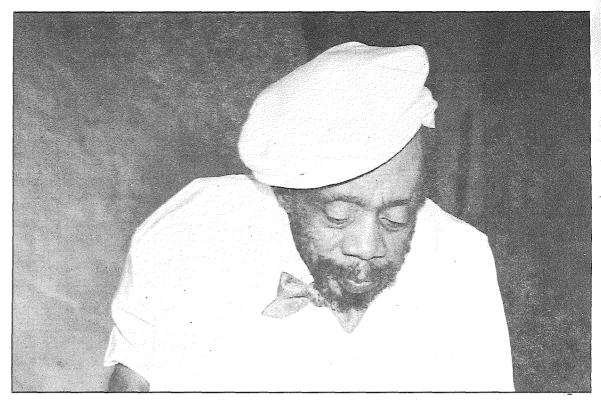
O HOMEM SUBMER-**SO** — Poemas, de Valdir de Aquino Ximenes. Aos 31 anos, este médico-pediatra residente em Brasília lanca seu primeiro livro. Trata-se de um misto de ternura e algumas vezes revolta, até mesmo pela profissão que escolheu e que tão poucas condições oferece hoje. Como bem diz seu prefaciador, Menezes Morais, ele consegue administrar bem essa dualidade espiritual. 107 páginas, Brasília, 1993.



JURUÁ O RIO QUE CHORA — João Derickx, coordenado por José Antônio Trasferetti. Obra sobre teologia social, conta a saga de um missionário na região de Juruá, no coração da Amazônia. Segundo padre Leonardo Boff, que assina a apresentação desta edição, vale a pena ler o livro, pois ele apresenta um outro Brasil, sofredor, lutador e vicejante. Editora Vozes, 1993.



O OLHO REVERSO — José Santiago Naud, 7 poemas mexicanos e um falso hai-kai. Com cerca de 20 livros publicados, o autor está incluído entre os grandes poetas americanos deste século, segundo os críticos. Em 1952, Carlos Drummond de Andrade anteviu: "Posso afirmar que encontrei na sua poesia alguns indícios de ouro, para usar de uma expressão de poeta que lhe oferece a epigrafe para o livro". 190 páginas, Editora Thesaurus, Oca, 1993.



Ninguém foi mais povo que G. Otelo

□ João Antonio

Fui ver Othelo pela última vez, já cadáver, no centro da cidade. Ele tinha no semblante uma serenidade como nunca lhe vi igual. E a dignidade de sempre.

Grande Othelo foi o cidadão brasileiro número um.

Não fez "Malagueta", do meu "Malagueta, Perus e Bacanaço" por um triz. E pela incompetência dos que o filmaram. De passagem, para Othelo, teria sido um passeio, ele imortalizaria o meu velho no cinema. Coisas.

A 26 de outubro Othelo lançou um livro de poemas. O cinema, velho ou

novo, não deu as caras. Compareceram ao lançamento meia dúzia de pessoas, entre elas José Lewgoy e Roberto Talma. Quase nada saiu na imprensa. Eu dediquei uma página da "Tribuna da Imprensa" a Othelo. Título: "CIDADÃO BRASILEIRO NÚMERO UM".

Ninguém foi mais povo que Othelo. Lá fora, na França ou na Alemanha, se sabe que ele era um dos maiores artistas da cultura popular do mundo. Não foi Othelo que se encantou de Orson Welles. Deu-se o contrário, quando Welles o viu trabalhar, no palco.

"Fala Claudionor" é uma obra-prima; "Couro de Gato", outra. E a Praça Onze nunca existiu tanto no Rio quanto num samba seu, memorável, supimpa, dolorido.

É ironia plena, pontuda, que ele tenha morrido fora do Brasil. Valeu, Othelo, foi uma gargalhada de Macunaíma sobre um País lotado de calhordas, merdalhas, políticos anões, PC's, farsantes, amorais, ladronaços escrachados, rinhos, gordos e debocados. País que nem política tem, pois, essa atividade escrota no Brasil já foi sinônimo de negócio. Agora é de roubo grande.

Sua memória dá neles, Othelo. Descansa, descansa, grande.

João Antonio é escritor/cronista



Edimar Cordeiro — PP

Universidade é Investimento

Cerca de 67,5% dos alunos da UnB fizeram o 2º grau em escolas particulares e pelo menos 36% dos estudantes nunca estiveram matriculados na rede oficial de ensino. Os dados mostram que a única universidade pública do DF não dá acesso a alunos da rede pública, que nunca tiveram oportunidade de pagar uma escola particular.

Por outro lado, um estudo realizado na Universidade de São

Paulo mostra que investir em ensino superior provoca um crescimento do PIB de cerca de 15 a 20% ao ano em relação ao valor investido. Em outras palavras, o investimento se paga em cinco ou seis anos.

É preciso que o GDF reflita esta situação, se pretende, ao mesmo tempo, promover a justiça social e o desenvolvimento do Distrito Federal. A lei que cria a Universidade Regional do DF

(URB), cujo primeiro projeto foi apresentado por mim na Câmara Legislativa, pode equilibrar esta balança, sem ser necessária a

destinação de muito recurso neste "investimento social". Basta utilizar prédios públicos ociosos durante a noite, que seriam

utilizados como estrutura física da nova universidade. É uma questão de defender a Cultura e o Desenvolvimento do DF.

O Lago Paranoá não tem salvação

Mas terá ainda Séculos de Vida

□ Valter Pedrosa

Recordo perfeitamente de uma entrevista que concedi ao "Correio Braziliense" em 1975, sobre os problemas de poluição do Paranoá. Naquela época desempenhava-me da função de Chefe do Departamento de Água e Esgotos (hoje seria Diretor de Operações) da CAESB, a quem estava afeto o controle da qualidade das águas do lago, através do Laboratório Central.

Aquela reportagem transformou-se em manchete na segunda página do jornal, na qual afirmava extualmente: "O Lago Paranoá ainda terá 30 anos de vida útil". O que provocou risinhos e ironias de alguns colegas dentro da Companhia de Água e Esgotos de Brasília, já que no ambiente de trabalho reinava a sinistrose de que o lago estaria podre, de que seria necessário realizar seu esvaziamento para a raspagem da lama do fun-

Passados quase vinte anos, nada aconteceu de desastroso e o lago continua placidamente dentro de suas margens, servindo como fonte de lazer e esporte de alguns segmentos 🖹 população brasiliense. Alem de clarear a vista de todos com a beleza aquática nesse cerrado tão seco. Como também contribuindo para amenizar a baixa umidade do ar na Capital da República, pela permamente evaporação do seu espelho de água de 40 quilômetros quadrados.

Isto é, o lago vem cumprindo exatamente o papel para que foi criado, nada mais. É não terá 15 ou 30 anos de vida útil, porém 300 anos ou mesmo um milhão de anos, conforme a experiência e características de toda formação la-

custre, natural ou artifici-

al, no Brasil ou em outras partes do mundo.

Na verdade, o lago merece alguma atenção da parte de todos nós, com o objetivo de mantê-lo em boas condições de uso pela população. Sem exagero, terrores e muito menos o gasto desnecessário de centenas de milhões de dólares, como tem acontecido nos sucessivos governos do Distrito Federal, evidentemente visando-se outras vantagens e intenções que não a saúde do lago.

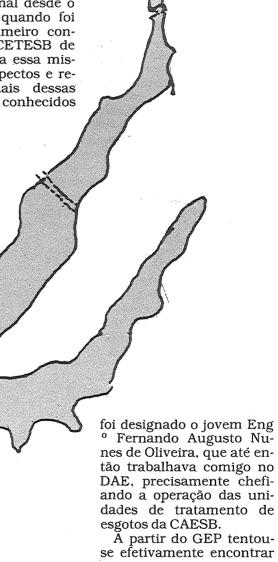
Aqui caberia uma simples pergunta: de quem é o lago? O Paranoá pertenceria ao Governo Federal, ao GDF ou à CAESB? Num regime como o nosso em que predominam os interesses privados, é preciso se definir a propriedade do lago.

A falta dessa definição vem obrigando a Companhia de Água e Esgotos de Brasília, que foi criada somente para abastecer de água potável a população e coletar seu esgoto sanitário, a se encarregar desse filho bastardo e oneroso.

Discutir os problemas do lago é mexer em casa de maribondo. Requereria milhares de páginas para dissecá-los e ainda assim restariam dúvidas. Basta dizer, resumidamente, que o lago vem sendo estudado de forma racional desde o ano de 1968, quando foi assinado o primeiro convênio com a CETESB de São Paulo, para essa missão. Alguns aspectos e resultados parciais dessas pesquisas são conhecidos

e foram apresentados em diversos seminários e congressos de engenharia sanitária e ambiental.

Naquele ano de 1975 a CAESB decidiu enfrentar o caso ainda mais seriamente, formalizando a criação do Grupo de Estudos de Poluição (GEP), quando era Superintendente da empresa o Engº Francisco de Salles Baptista Ferreira. Para Coordenador do GEP





Padre Jonas — PP

O Poder da Cultura

O Poder da Cultura é vivido pelo meio que o compõe, jamais moldado pela autoridade que o assiste. Tanto isso é verdade, que Salomão — Rei de Israel — reconheceu que "o Poder da Cultura de seu próprio povo estava e está moldado nas leis naturais, oriundas da assimilação histórica de sua vivência, adquirida ao longo de sua caminhada exigida pelo meio". Outro exemplo, está impresso nas palavras de ABRAHAM LINCOLN, em 1863,

quando disse: "É mais fácil ceder aos princípios de um aventureiro, do que lutar contra o Poder da Cultura de um povo, reforçado, em 1953, por GRACILIANO RAMOS em seu livro de Memórias do Cárcere ao afirmar: O Poder da Cultura de nossa gente é indestrutível, porque está ligado ao solo ocupado".

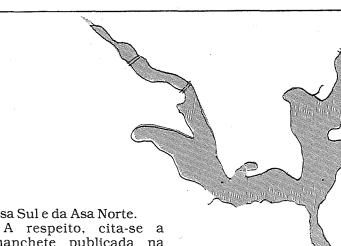
Assim, se desejam a paz, o progresso, o desenvolvimento ordenado, a democracia e a eliminação dos conflitos, respeitem e protejam a Cultura dos povos que compõem o nosso Globo Terrestre, senão as tormentas do desespero universal será uma constante, pois a Cultura é palco das forças vivas, onde os ensaios de peças inconsútis tecidas pelas raízes de suas origens, constituem-se em alimento na caminhada democrática, não sendo a expressão raquítica encafifada pela visão caótica de uma ideologia partidária radicalista, muito menos um molde forjado nos subeterrâneos do despotismo.

a melhor alternativa para "despoluir" o lago ou pelo menos manter sua saúde em condições aceitáveis. Foram feitos convênios internacionais e recebeu-se assessoria dos maiores especialistas mundiais em poluição e eutroficação de lagos de água doce, como o Prof. Marais, da África do Sul, e o Prof. Bjorn, da Suécia.

O Engo Fernando Nunes e a Biol. Yone de Barros Brito, entre outros, passaram meses e anos viajando e conhecendo as experiências da África do Sul, Inglaterra, Alemanha e Suécia. Os especialistas, pagos diretamente pelo GDF ou através de financiamentos da OPS/OMS, permaneceram meses e anos em Brasília estudando o lago e montando a estação piloto para o tratamento terciário dos esgotos (para retirar os minerais ou micronutrientes do efluente tratado dos esgotos sanitários).

Para se entender a 'doença'' chamada eutrofização que o lago sofre, é simples: ao se jogar adubo na terra ou nas águas, as plantas (ou as algas) se desenvolvem. Foi o que aconteceu enquanto o nitrogênio, o fósforo, o potássio, o magnésio e o cálcio, contidos naturalmente nos esgotos domésticos, continuavam sendo despejados no lago, semitratados ou em estado bruto, provocando as eventuais "florações" de algas verdes e azuis, etc.

Posteriormente a CAESB mudou de idéia, deixando o enfoque científico em segundo plano e praticamente desmantelando aquela equipe caesbiana altamente qualificada, o que foi uma lástima imperdoável. Passando a privilegiar a execução de novas obras físicas, como a ampliação das estações de tratamento de esgotos da



Asa Sul e da Asa Norte.

manchete publicada na página 11 do "Jornal de Brasília" do dia 14/10/87: "Ex-Diretor depõe contra a despoluição do Lago", que refletia os debates realizados em caráter de inquérito pela Comissão do Distrito Federal no Senado Federal. Onde o Engo Fernando Nunes dizia textualmente "Além de não alcançar seu objetivo, o projeto de despoluição do lago Paranoá, desenvolvido pela CAESB, vai resultar num alto custo operacional para a manutenção do sistema".

Como não seria novidade que ocorresse, a opinião abalizada do especialista foi derrotada pelos empresários privados da SEE-BLA, que insistiam na execução das obras e no faturamento dos milhões de dólares drenados do contribuinte, com resultados nulos.

Desde aquele período em que estivemos à frente do DAE, e depois através da GET, todos sabemos perfeitamente que tratar esgotos domésticos em processos secundários, no qual se retira em média 80% (oitenta por cento) da matéria orgânica (DBO) não oferece qualquer dificuldade tecnológica. No âmbito da CAESB o serviço se transforma em um monstro de sete cabeças pelas conhecidas deficiências gerenciais e administrativas na operação e manutenção das estações de tratamento de esgotos, com o pessoal desmotivado, insatisfeito com baixos salários, etc.

Na melhor das hipóteses e mesmo que as duas estações funcionem perfeitamente e tratem 100% (cem por cento) do esgoto doméstico, admitindo-se ainda que o processo retire até 95% (noventa e cinco por cento) da DBO, mesmo assim o lago estaria afetado com aqueles 5% (cinco por cento) que passam através do tratamento tradicional. Ou mesmo do tratamento terciário.

São conhecidos os estudos realizados nos lagos de Eriê e Ontário, situados na fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos, demonstrando que a poluição das suas âguas ê provocada pelas enxurradas (esgoto pluvial) em uns 40% (quarenta por cento), o que é praticamente impossível de evitar. Como tratar enormes vazões que surgem repentinamente dos frequentes aguaceiros de Brasília?

Resumindo: consideradas as condições do Distrito Federal, tratar esgoto para evitar a poluição do lago Paranoá é pura bobagem; gastar centenas de milhões de dólares para construir ou ampliar estações de tratamento a nível secundário ou terciário, apenas como desculpa para manter ocupadas as empresas privadas e forrar o bolso dos senhores empresários da construção civil, é um crime de lesahumanidade.

Uma boa solução que se poderia sugerir para o destino dos esgotos sanitários de Brasília e das cidadessatélites, com ou sem tratamento, seria o seu aproveitamento na agricultura da região, através de bombeamento a partir de determinados pontos, para a irrigação de grandes áreas do cerrado semi-árido. Como se faz rotineiramente em diversos países europeus, a França em primeiro lugar. Uma aplicação segura e testada seria na lavoura do café, conforme os estudos preliminares realizados pelo então IBC. Mas quem vai se responsabilizar em projetar e financiar essas obras?

A solução mais barata e eficaz para o lago Paranoá é a mais simples: não fazer nada. Que os senhores empresários privados continuem milionários e sejam felizes, executando outros tipos de obras. Estação de tratamento de esgoto, negativo.

O pior que poderá acontecer, conforme a alternativa natural proposta, será o mau cheiro que irá incomodar algumas dezenas ou centenas de coronéis e marajás que construíram suas mansões às margens do lago, inclusive com invasão de áreas verdes. Isso durante os períodos mais secos do ano, quando ocorrer. A maioria da população nada teria do que reclamar ou ser prejudicada.

Veja-se o exemplo histórico do Nordeste, que dispõe de mais de 100.000 açudes, pequenos e grandes lagoas de água doce, como o Orós, no Ceará; e o Itans, em Caicó, Rio Grande do Norte. Alguns deles foram construídos nos tempos da Colônia ou do Primeiro Império. E nunca se soube que qualquer um deles tenha apodrecido ou matado as populações das redondezas. Apesar de que diversos secaram, nada mais.

Talvez daqui a 300 anos ou mesmo um milhão de anos, se possa atravessar por terra de Brasília para as penínsulas Sul e Norte da cidade. Todo lago um dia será um charco e naturalmente sofrerá o processo biológico de aterramento. Mesmo o mais límpido e protegido lago da Amazônia ou da Europa. É a lei da natureza, contra a qual os homens pouco ou nada podem.

Deixemos o lago Paranoá em paz, que tem séculos de vida útil pela frente, trata-se de um lago jovem. Como um corpo vivo que é, ele sabe cuidar da própria saúde e tomar suas "aspirinas" quando julgar necessário. O lago é de Deus (sic), que sempre se encarregou de tratar os esgotos dos homens e purificar águas de rios, lagos e mu res. Confiar no Padre Eterno é bem mais barato. Palavra de ateu e sanitarista.

Valter Pedrosa de Amorim é Eng- Sanitarista e Escritor Consultor em Saneamento Ambiental da OPAS/OMS. Diretor de Operações da CAESB e Diretor de Planejamento do SLU-DF. Tem 25 Trabalhos Técnicos e nove Livros Literários Publicados. SHCGN 712 Bl "M" Casa 46 70.760-713 — Brasília-DF Tel (061) 347-3757



Wasny de Roure — PT

Priorizar os Movimentos Sociais

O Deputado WASNY DE ROURE tem como princípio maior em seu mandato contribuir para a organização, conscientização e mobilização da sociedade. Desta forma, além de sua destacada atuação parlamentar Wasny tem sido presença constante e decisiva nos movimentos reivindicatórios, bem como no encaminhamento de questões ligadas aos mais diversos movimentos sociais, que vão desde a luta pela fixação dos assentamentos do Varjão, Samambaia, Telebrasília e Vila Planalto ao apoio aos

trabalhadores rurais sem-terra, dentre inúmeros outros.

Na defesa dos interesses dos trabalhadores Wasny tem apresentado projetos e pronunciamentos contundentes na Tribuna da Câmara Legislativa, além de participar de passeatas e audiências públicas, colocando o mandato parlamentar à disposição da classe trabalhadora na sua luta contra as injustiças sociais e no combate à concessão de privilégios às elites. Recentemente o Deputado WASNY

apresentou Projeto de Lei que altera o Decreto 14.777, definindo uma taxa mais justa aos usuários da CAESB cujas residências são desprovidas de hidrômetros, especificamente aos classificados como classe popular. Wasny também está apresentando um Projeto de Lei que dá nova redação ao artigo 336 da Lei Orgânica, restabelecendo o benefício dos passes estudantis aos estudantes dos cursos profissionalizantes do SESC, SENAC, SENAI e SESI.

Baratas Baratinadas

☐ Jason Tercio

Ela surge discreta, precavida, antenas sondando através das frestas no rodapé da sala de reuniões do ministro. Dois fios dançando à espreita de alimento ou aventura. Sair do esconderijo-moradia é um impulso necessário, mas arriscado. A busca de migalhas de pão e o prazer de deslizar nos papéis, nas cadeiras e naquela mesa enorme resulta muitas vezes, em morte súbita. e trágica - esmagada por sapatos impiedosos do segurança ou do próprio ministro e seus assessores.

De repente ela cruza rapidamente a sala, desprotegida, rumo a uma bandeja de biscoito, velozes patinhas garantindo a fuga. Enormes pés se esticam (do ministro? do segurança? do assessor de imprensa'.) para destruí-la. Mas outras colegas despontam dos cantos, desviando a atenção dos pés. Algumas, audaciosas, voam zombeteiras desafiando o ministro (sim, era ele, reconheciam seus sapatos) que tentava assinar um papel, sentado à mesa. Duas correm a se esconder em labirintos que só elas conhecem. Ao pressentirem sossego na sala (o ministro saira), ressurgem, descontraídas. Pulam em cima do

papel assinado que ficou na mesa.

Eram as únicas companheiras do ministro em seus momentos de solidão reflexiva, quando arquitetava os planos econômicos para salvar o País. À noite ele costumava ficar pensando ali nos grandes problemas nacionais, enquanto elas vasculhavam as migalhas de sanduíche que ele deixava cair. Quando o ministro não vinha, elas comiam só papel, uma Medida Provisória aqui, um decreto ali, um relatório, e assim passavam as noites. Ultimamente comiam também notas velhas de dinheiro, abandonadas na cesta do lixo.

Apesar das vicissitudes,

elas sobreviviam, resistentes. Sabiam que ninguém as derrotaria. Os ministros se sucediam, se revezavam, apareciam e desapareciam. Mas elas permaneciam. As fêmeas ficavam gordinhas, gerando dezenas de filhotinhos. As famílias cresciam e se multiplicavam, mesmo sob duras perseguições.

Mas um dia algumas sugeriram que fizessem um movimento por uma melhor alimentação, uma campanha contra a fome das baratas.

Enquanto o grupo estava discutindo a proposta na recepção, o ministro chegou de surpresa com alguns empresários e todos correram atrás das baratas, matando várias. Outras fingiram-se de mortas, quietinhas, a cabeça ilesa, e quando os homens se afastaram elas correram para seus esconderijos.

Mais irritadas que amedrontadas, decidiram convocar uma assembléia-geral. Chamaram colegas de outros ministérios, do Congresso Nacional, do Supremo Tribunal Federal, do Palácio da Alvorada e se reuniram na enfermaria de um hospital.

A liderança propôs que organizassem um exército de combate. Era a declaração de guerra. Não suportavam mais a discrimina-

ção, a crueldade dos homens, principalmente dos homens que mandavam no país. Eram espezinhadas todos os dias, enquanto os homens se banqueteavam em reuniões suculentas. Sequer podiam passear livremente pelos cômodos dos prédios do governo. Exigiam mais respeito, tinham direitos. Afinal, viviam no mundo há séculos, antes do surgimento do homem, embora houvessse controvérsia sobre isso.

Antenas crispadas, tumulto, advertências.

"Temos condição de vencê-lo? Um pé do ministro, ou de quem quer que seja, mata dezenas de nós. Uma guerra seria expornos ao genocídio!".

Uma representante do Palácio da Alvorada agitou-se sugerindo desfecharem um ataque imediato.

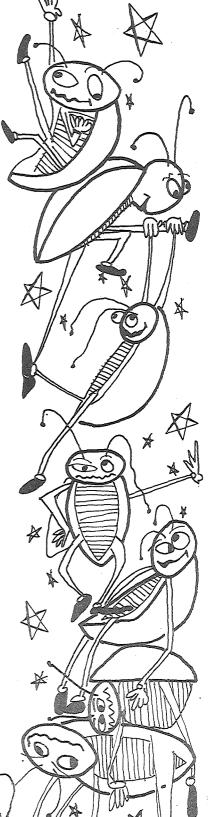
"É um absurdo que em plena era ecológica ainda se matem baratas. Não podemos transigir. Já sofremos muito!".

A representante do Ministério da Saúde concordou.

"Temos força numérica, podemos articular uma guerra de nervos".

A representante do Palácio do Planalto teve uma idéia:

"Vamos atacar também os supermercados. Não







Salviano Guimarães — PSDB

A Essência da Alma Brasileira

A Câmara Legislativa do DF como Poder Legislativo, é uma Casa geradora de leis, fiscalizadora, compromissada no seu dia-a-dia com os mais legítimos anseios da comunidade.

Mas para alcançar o patamar maior, transformando-se de uma Casa de Leis, de Poder Legislativo, em Casa do Povo, verdadeiramente identificada com a luta, o sofrimento e as alegrias de toda uma comunidade, ela tem que ir além, ela precisa refletir a essência da alma

brasileira contida em suas

manifestações culturais.
Daí a importância deste Suplemento
Cultural, "DF LETRAS", fruto de
nossas inquietações, nascido das
discussões permanentes com todos
os segmentos da sociedade, que
deram-me a honra de ser o seu
proponente, através da resolução
86/91, que contou com o apoio de
todos os meus pares e que hoje com
quase um ano e meio de existência,
cumpre a missão de ser o veículo
mensal das inquietações culturais
que percorrem cada rua, cada praça,
cada recanto e cada espaço dessa

Câmara Legislativa, jovem, criativa e pujante. Inquietações geradoras de cultura, sobretudo nos momentos críticos da sociedade em que desafios se transformam em dúvidas, e os seus equacionamentos em conquistas.

O "DF LETRAS" representa hoje os compromissos desta Casa com o seu povo, que por suas manifestações culturais, liberta-se dos seus limites físicos para a grandeza do pensamento criativo que lhes garante como a democracia de cidadãos livres.

podemos mais beliscar nada nas prateleiras. Está tudo tão dificil. Os donos querem que a gente morra de fome''.

A representante da Câmara dos Deputados agitou as asas:

"Sim! Podemos atacar cada um dos responsáveis por nossa miséria. Vai ser fácil. Ou será que a gente se esqueceu do susto que sempre aplicamos às mulheres? Elas gritam e se encolhem diante de apenas uma de nós. Imaginem quando aparecermos às centenas, milhares...

Uma barata idosa, de óculos, ponderou, coçando as antenas:

"A colega está delirando, se me permite a observação. Estamos querendo combater os homens, não as mulheres. Talvez uma e outra poderão estar no caminho, mas...

'Homem e mulher são a

mesma coisa!".
"Não! são diferentes! Muito diferentes!"

Sua machista!''

Uma baratinha adolescente começou a pular, achando tudo muito diver-

"Vamos atacar todos os ministérios e palácios, inclusive o Itamarati...

'E a casa da Dinda!''

"Os homens mais poderosos deste país estão querendo nos exterminar. Eles detestam dividir qualquer coisa. São muito gananciosos, egoistas, só pensam em si, não pensam nos demais seres vivos".

"Muito bem!"

Zunzum zoeira zorra zureta polvorosas asas tremulando e um grito ecoa:

"Ao ataque! Todo o poder às baratas!'

Antenas entusiasmadas se cumprimentam, aplaudem, e uma revoada alegre comemora a decisão.

O primeiro batalhão atacou o Palácio do Planalto. Elas corriam dispersas pe-



lo saguão de entrada, deslizando para o elevador e subiram até o gabinete do Presidente. Algumas foram despedaçadas pelo segurança. A maioria conseguiu unir-se às colegas que já estavam esperando na porta do gabinete. Enquanto isso outros grupos iam se infiltrando em todos os andares dos minis-

Havia também os batalhões-kamikaze que atraiam a atenção dos seguranças, dos ministros e outras autoridades, e recuavam, para desviar a atenção deles, enquanto as colegas invadiam os pontos principais do governo. Era a operação-suicida. Poucas sobreviviam. Mas essa tática garantia a ofensiva geral das outras. Ruidosas, remexiam as pilhas de papéis, quantos papéis, para que serviam? No Palácio do Planalto, onde estava o grupo maior, elas entraram no comitê de imprensa, carregaram máquinas e papéis. No gabinete do Presidente pularam na gaveta da escrivaninha, e encontraram, espantadas, uma calcinha!

Pegaram a calcinha e ficaram rindo, e ao mesmo tempo intrigadas com os hábitos do Presidente.

No Ministério da Fazenda elas invadiram uma

reunião do ministro com seus assessores. Eles pararàm estarrecidos, e mal puderam esboçar uma reação, elas os carregaram para fora da sala, o ministro escapou e correu para o banheiro. Mas elas estavam lá também, calmas, agitando as antenas para ele. O ministro chutou algumas.

No Senado elas foram à tribuna, onde estava discursando um senador, entraram na calça dele e subiram pelas pernas, fazendo cócegas. Ó senador, que falava sobre a crise moral no país, começou a rir e quando percebeu as baratas, saiu correndo e sacudindo a roupa. Outras faziam o mesmo na Câmara dos Deputados. Agarravam-se aos microfones das mesas, voavam e olhavam arrogantes e arreganhadas para os membros da mesa. Os deputados tentaram ignorar o batalhão de baraotas, mas elas foram aumentando, aumentando, e uma nuvem escura cobriu todo o plenário, obrigando

retirada necessária. No Planalto, o Presidente entrou no gabiente e ouviu o frêmito das asas que se debatiam e voavam para todos os lados. Ficou alucinado. Correu para a estante de livros, em busca

os parlamentares a uma

de um veneno em pó, comprado num dia em que ele pensou em se matar. Seu corpo inteiro estava já coberto de baratas. O Presidente esfregava as mãos no corpo, tentando afugentar as invasoras que penetravam nos bolsos, enfiavam-se entre os cabelos e orelha, e o Presidente procurando o vidro de veneno.

No Palácio do Buriti, o governador tomou uma decisão drástica. Ao ver as atacantes e não conseguindo destruí-las, apanhou algumas e espedaçou-as entre os dentes - o sabor não era muito mal.

Após comer todas, o governador telefonou aos ministérios, ao Congresso Nacional, ao Planalto, a todos os gabinetes oficiais e sugeriu a mesma solução que as baratas fossem comidas. Era a única coisa que elas temiam.

O Presidente foi o primeiro a aceitar. Após a primeira mordida, percebeu que eram realmente macias, tinham alguma substância.

O ministro da Fazenda fez o mesmo, com alguma hesitação, mas também curiosidade. Sim, eram saborosas. Claro, não tinham o gosto de um escargot, mas, enfim, era a única forma de salvar o Brasil, destruir para sempre aqueles insetos miseráveis. Todos os demais membros do governo ade-

Desde esse dia, o Presidente encontrou uma forma de mostrar ao povo que está realmente se sacrificando para solucionar os problemas. Ele reúne um grupo de ministros e, juntos, gravam um programa em cadeia nacional, mos trando os dirigentes do pais comendo baratas, vivas.

Todas as manhãs, o próprio Presidente inicia a caça às baratas para suprir o estoque. Animado com o sucesso perante a opinião pública, ele formou uma comissão especial para examinar as melhores baratas do mercado, e até criou um prêmio para o melhor caçador de baratas do país. Na Bolsa, a cotação das baratas disparou. Nos supermercados já existem prateleiras com baratas em finas embala-

Mas o povo gosta mesmo é de ver o Presidente, ur vez por semana, apresentando-se em cadeia nacional com seus ministros. escolhe as baratas mais gordinhas, cria suspense brincando com elas nas mãos, e coloca uma a uma entre os dentes.

Jason Tércio é jornalista e escritor



Agnelo Queiroz — PC do B

Implantação da Lei de Formação de Ator

O Presidente do Sindicato dos Artistas de Brasília, Valmir Ferreira, cobrou a regulamentação e implantação da Lei 599, que prevê a inclusão dos cursos de "ator teatral" e "técnico em espetáculos de diversões" no ensino de 2º Grau das escolas públicas de Brasília. A Lei, de autoria do deputado Agnelo Queiroz (PC do B), foi sancionada pelo Executivo em novembro do ano passado, mas até agora não saiu do papel. Atualmente, o único espaço

acadêmico dedicado à formação de profissionais para o teatro é a Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, mas, segundo o presidente do Sindicato dos Artistas, cerca de 80 por cento das pessoas com vocação para as artes cênicas deixam de frequentar a Faculdade Dulcina por causa das altas mensalidades cobradas.

A Lei do deputado Agnelo Queiroz recebeu o apoio da Associação Nacional das Entidades de Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões (Aneate). "Vamos propror projeto de lei idênticos em outros estados da Federação", anunciou o secretário-geral da entidade, Amaro Santos da Silva. Afora Brasília, que já tem lei sancionada, só o Paraná implantou nos currículos das escolas públicas esses cursos. A lei em vigor na capital federal prevê a formação de profissionais nas funções de ator, cenótico, iluminador, figurinista, aderecista, secretário teatral e sonoplasta.



odemos dizer que a ousadia da experimentação poética não estacionou no Concretismo. As experiências prosseguiram e continuam até os nossos dias com resultados surpreendentes.

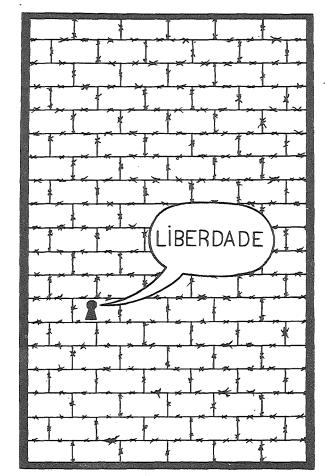
A partir da década de 70, no Brasil, os poetas visuais surgem timidamente, promovendo as suas primeiras exposições e publicações alternativas. Com o passar do tempo inúmeros adeptos se integram ao movimento da poesia visual e cada um manifesta sua arte utilizando dos recursos mais variados: xerografia, computador, holografia, vídeo, cartazes impressos, laser, cartões postais, etc.

A temática explorada, em sentido universal, é o homem e seu estar no mundo. Em caráter particular, no Brasil, exploram-se a incompetência política nacional, a miséria, a dívida externa, a ilusão da loteria, o dilema humano da energia atômica, conflito psicológico do ser e os temas eróticos.

O poema visual caracteriza-se por valorizar a imagem como entidade universal. A palavra, no caso, é um apêndice muito bem explorado e colocado, compondo um todo harmônico capaz de permitir ao "vleitor" (o que vê e lê ou só vê) uma infinidade de leituras, de acordo com o nível do seu conhecimento, experiência e cultura.

hugo PONTES

poeta visual, um dos precursores da xerografia brasileira, com poemas e artigos teóricos sobre essa técnica, editor da página "ComunicARTE" de poemas visuais para o Jornal da Cidade/MG.



Marciel Berlamino Bezerra

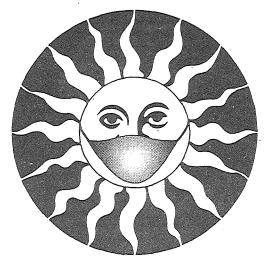


CONTATO



Hugo Mund Júnior





Osmar Pereira



Lúcia Carvalho — PT

Cultura e Democracia

A democracia é a igualdade de direitos e oportunidades para todos. E a cultura representa democratizar e abrir as portas do conhecimento, permitindo o fluxo das informações e a universalização do saber. Tudo que o ser humano produz, material ou simbolicamente, é cultura. Todos somos agentes da produção cultural. Ela é a tradução da nossa própria humanidade, nosso modo de ser e estar no mundo.

O universo cultural é pluralista justamente porque reúne as mais diversas formas de expressão das identidades. Cada indivíduo, cada comunidade, cada povo, constrói sua própria identidade cultural.

A democratização da cultura requer prioridade para a educação. Porque é o sáber que nos permite ir além dos limites de nossa cultura local, ajudando-nos a descobrir a humanidade do homem.

A democracia não será verdadeira enquanto não tivermos uma democracia cultural. Porque a cultura é simultaneamente tradição e novidade, herança que carregamos e capacidade de inventar respostas para nossos desejos. É nosso auto-retrato, espelho da alma e testemunho do ser.

Ponto de combustão

□ Donaldo de Lima Mello

Abóboda

espessa.

magnética. Tempo de arear

Tecendo

bruma.

escuma. Olhar de puma.

Sol

abrasador...

Fervor

incontrolável

Instável

capa

de expectativa. Sem som de patativa.

Ativa um céu

plumbeo

opaco, parco

Arco de esparso cujo calor

impacto

atiça na flor do cerrado

O medo

sutil

da chegada

alada

cravada

de um tempo

do qual ninguém sabe.

Grave! ave de rapina

empina o bico

espreita a treva

Leva de agonia

o silêncio de esperança

Augúrio:

Escárnio da flama.

Donaldo de Lima Melo é Economista, cientista político e poeta amazonense radicado em Brasília.

Retorno à Liberdade

☐ Hilda Fogaça

No vai e vem da vida No vai e vem do nada O encanto pelo tudo

No expandir da vida No espraiar da alma A descoberta tardia

No percorrer caminhos No desvendar carinhos O recorrer sozinha

No procurar amores No almejar futuros A incerteza com dores

No enfrentar a vida No combater feridas O decidir de novo

No caminhar da vida No enfrentar ferida O começar de **nova** vida.

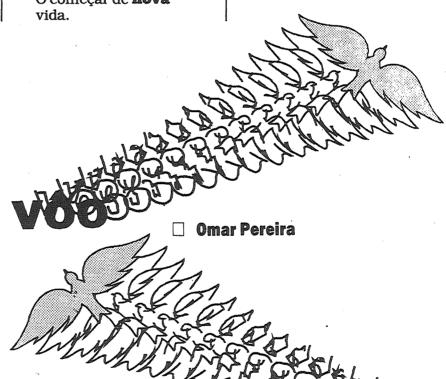
Confraria da matéria

□ Luis Martins

Sua meta longínqua é o pó. Um dia, la chegarão, depois de fileiras de estágios e ruínas. Vencerão todas as obras inauguradas, pintadas, reformadas, restauradas, tombadas.

Eles se imbricam, se intrincam, se enfronham, faméricos, feéricos, prenhes, aderentes.

Ah! Mas eles não poderão contra o mármore, pois o mármore é o companheiro do eterno, essa categoria do Intangível, que não é vulgo aos germes.





Peniel
Pacheco — PTB

Cultura na Câmara Legislativa

Em Brasília a produção e difusão cultural mantêm uma relação indissolúvel com as instituições em geral. Esta é uma característica da capital federal. À falta de galerias e teatros, os artistas se apresentam nas embaixadas, bancos, órgãos do governo, palácios e dependências do Legislativo.

Os espaços culturais criados nesses locais estão cada vez mais consolidados e ativos. Na Câmara Legislativa temos o Espaço de Convivência, inaugurado há pouco mais de um ano, e que tem promovido regularmente exposições de artes plásticas e artesanato de artistas locais e nacionais. Todo mês artistas de cidades-satélites são convidados a expor ali. Em março vieram artistas de Sobradinho. Em abril está prevista a presença de artistas de Planaltina.

Ainda na Câmara Legislativa temos a Fotogaleria, na qual os fotógrafos de Brasília expõem seus melhores trabalhos, sempre com um tema específico. Recentemente tivemos fotos do movimento estudantil dos anos 60 e 70 em sua luta contra a ditadura militar. Antes houve fotos do deputado Ulysses Guimarães. Atualmente temos uma exposição em homenagem ao Jardim Botânico.

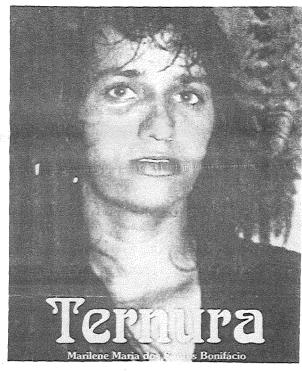
Tua presença

O orvalho, a brisa, A calmaria daquela noite, Fizeram-me sentir a falta do teu ser, Da tua presença. Estava tudo calmo, e um silêncio total Dominou todo meu coração...

A noite estava linda, o céu cheio de estrelas
Vagando em meio a escuridão,
Pude sentir o quanto necessito de você,
Da tua presença amiga,
Das tuas ternuras,
Dos teus carinhos...

Pude senti-lo, então Em um toque de pureza, Paz e sinceridade,

Porque tinha certeza de que o amava profundamente...



Marilene Maria dos Santos Bonifácio

O maior sonho de Marilena, de apenas 19 anos, era publicar um livro de poesia. Para torná-lo realidade percorreu várias gráficas do DF e, consternada, descobriu que fazer/sentir poesia é caro. Muito caro. Não se deu por vencida: vendeu o fusquinha que tinha e tornou público os seus sentimentos. O **DF Letras** publica duas poesias do seu livro "TERNURA".

Mais uma noite

Os teus olhos serenos vagando no brilho da noite e, ao mesmo tempo, no brilho do meu olhar...

O calor envolvente do teu corpo moreno molhado pela umidade, ao luar, Fazia-me lembrar Toda a serenidade do mar...

Não... era apenas mais uma noite Na qual eu me via sempre no mesmo pranto de um dia poder te amar...

Mas era apenas mais uma noite como as outras, em que pude recostar-me em teu peito e em suave movimento pude sentir você invadir-me, penetrar-me em todo meu ser...
Era apenas mais uma noite cheia de recordações...



O "jornalzinho" da Čâmara Legislativa do Distrito Federal é o maior sucesso. Um êxito editorial. Criado única e exclusivamente para valorizar, estimular e divulgar o escritor, o poeta, o historiador, o ensaísta, a pessoa enfim, que luta e faz cultura, o "DF LETRAS" atingiu plenamente seu objetivo em apenas um ano de existência. Hoje, mais de 3.000 exemplares são distribuídos mensalmente pelo Brasil afora. Do exterior, especialmente de universidades norte-americanas, os pedidos de assinatura aumentam a cada edição. "DF LETRAS", um grande "jornalzinho". Escreva que publicamos.

o "DF LETRAS" é de quem escreve!

O que os olhos devoram

missas e moças

da cidadezinha de Pirenópolis
não batem mais para as missas
batem
só
para as moças
numa procisão de virgens...
elas
passam ocultando tudo
até um sorriso
estampado
outro
dia
em seus vestidos
os sinos
hipnotizam as moças
mas nunca me avisam
para onde vou morto de amor



adeus

boa noite bom dia boa tarde quem tem não dá mais — adeus o que mais se dá em Brasília - adeus rio sem fonte... adeus pátria e família... - adeus sorte de ontem e hoje adeus boa vida de namorado que eu tenha coragem de poeta biblico transladado

sem ver a morte

sem dar

adeus...

☐ Ézio Pires



satãs do amor

algumas palavras me espiam como algumas mulheres... sabendo o que me querem... umas sensuais me devoram com os olhos: me mostram o que gosto... devagarinho debaixo dos lençois outras são panteras aladas me espiando de lado... as mais belas (filhas de maia...) me espiam de manhã... todas me espiam como santãs do amor...

Perigo de demora

o fim do mundo
no monte do gozo
só
olhando
o fim de tudo
-calma!
antes
ainda mostro
o periculum in mora
da moça
que me namora
agora
- ela me mostra
sem pressa
além das coxas
umbigo
e os seios exíguos.

vou passar

Desejo de pedra

para ser livre entre a solidão de uma rocha e o isolamento de um escarro a bíblia me avisa: já fostes pó tirado do barro até hoje o que nunca te tiraram foi este desejo de ser pedra - jogada nas idéias calvas.

Os camelôs... A feira...

☐ Maria Dalva Junqueira Guimarães

(Madellon)

Standers por toda parte... Sábado... domingo... Manhãs e tardes inteiras! Os Camelôs... A Feira...

Capim... ramos do campo, Folhas... panos e tinta, Galhos do mato Terra... Barro... Madeira... Tudo transformado em forma de artesanato!

Bonecas, palhaços, bichos Feitos de pano... Peças diferentes As mãos de Fadas... Enfeitam a Feira!

O povo... tanta gente! Um vai-e-vem estonteante... Gente chegando a todo instante.

E eu no meio, Olhando alheia... Os Camelôs... A Feira!

Ézio Pires é Poeta e Jornalista. Ex-Presidente do Sindicato de Escritores do DF, reside em Brasília desde 1960



Edimar Pirineus — PP

Brazlândia mantém tradição do Divino

Um pacto com o Divino Espírito Santo faz com que os animais sobrevivam e procriem mais e garante uma boa colheita todo ano.

Para agradecer e, também, para comemorar os bons resultados da colheita e da criação, os vaqueiros fazer, uma vez por ano, a Festa do Divino, uma manifestação cultural do interior do País que se mantém viva em poucos municípios. Na

maioria das cidades, a tradicional festa sucumbiu à falta de apoio e à crescente substituição dos valores culturais antigos pela cultura de massa introduzida, principalmente, através da televisão.

A cidade-satélite de Brazlândia está neste rol cada vez menor das cidades onde a tradição do Divino ainda resiste. Graças ao apoio do deputado Edimar Pireneus (PP), que há vinte anos mobiliza a população e organiza a Festa do Divino, esta importante manifestação popular se repete todo ano. ''Esta é uma tradição cultural que não pode morrer'', afirma Pireneus, que contabilizou, este ano, um grande

crescimento na participação popular na Festa do Divino de Brazlândia.

"O número de cavaleiros cresceu, e tenho certeza de que é devido ao apoio e à mobilização que estamos fazendo para que esta tradição não acabe", avalia o deputado. Para

Pireneus, que apresentou emenda ao orçamento do DF para a construção da Casa de Cultura de Brazlândia, é preciso garantir um apoio efetivo à cultura, para que o País se desenvolva mantendo as suas . referências históricas.

Brasília, 14.03.94



Pres: Bernardes, 17.03.94 Prezados amigos DF Letras:

Através do DO-Leituras tive á oportunidade de conseguir vosso endereço e de saber também da possibilidade de publicarem obras inéditas.

Etudo Geografia na FCT-UNESP de Presidente Prudente e em hora de folga escrevo poesia, contos e teatro, daí meu interesse em vosso

Espero poder recebê-lo logo em meu endereço, alguns amigos o recebem e logo falam da ótima referência que possuem.

Grata desde já envio (verso) um poema para que se apreciarem possam, quem sabe, editá-lo.

Saudações ELOIZA TORRES

Rio, 08/III/94 Prezada Rose Mary,

Feliz Dia das Mulheres! Multissimo grato pela gentil remessa do *DF Letras* e pela acolhida tão fraternal ao meu poema.

Votos de sucesso! Fraternal abraço do J. Cardias

Venho cumprimentá-los pelo excelente trabalho editorial desenvolvido pelo DF Letras, pela análise e divulgação de textos literários, jornalísticos, acadêmicos ou não, o qual, penso eu, deveria ser leitura mais que obrigatória dos acadêmicos e do povo leigo amantes da boa leitura, preocupados com a cultura, na realidade do momento em nosso

rela iniciativa de divulgar valores consagrados ou desconhecidos, anônimos apaixonados pela arte imorredoura da literatura, parabenizo os criadores e fundadores do Suplemento totalmente dedicado à cultura, ao mesmo tempo que agradeço a assinatura, que periodicamente recebo. Sonia Carolina

George Oetterer (Iperó) SP - 08

Exma. Senhora Rose Mary Miranda Vice-Presidente Câmara Legislativa Distrito Federal Brasilia

Estimada V. Presidente.

Quero levar meus parabéns pela excelência do trabalho editado com sua responsabilidade que se chama DF Letras.

Estive muitos anos no exterior com bolsa de estudos e trabalhando em Londres na BBC (setor bras.), no Parlamento Europeu. Além disso treinava os dotes de pesquisador nas universidades locais.

Agora no Brasil, mais precisamente em Iperó (SP) no distrito de George Oetterer, faço parte de uma equipe que cuida do menor carente dando-lhe lazer, alimentação e ensino profissio-

Sua iniciativa no DF Letras é brilhante dando oportunidade aos escritores novos no cenário literário para mostrarem os atributos de cada um.

Junto lhe envio amostra de uma pesquisa que estou realizando na Fazenda Ipanema, local histórico onde desde 1589 Sardinha iniciou sua Forja de Ferro. Posteriormente no Império foi fundada uma Real Fábrica para exploração do metal ferroso.

Caso o assunto seja de interesse para o DF Letras posso lhe enviar um material de cinco páginas sobre o assunto.

Com muita estima,

Jornalista DaRocha-Pombo, P. Speers (SP MTb 7489) Projeto ICIC George Oetterer 18 560 000 Iperó-SP

"Não sou alegre, nem sou triste: sou poeta"

Cecilia Meireles

Agradeço pela assiduidade que têm me enviado o Suplemento Cultural - DF Letras — O qual é responsável pela publicações atuais, interessantes, e voltados exclusivamente, ou melhor, na maioria para a cultura brasiliense.

Αo

DF LETRAS

Câmara Legislativa do DF

70086800

SAIN - Parque Rural Norte Brasilia-DF

Parabenizo-lhes pela composição, escolha de artigos, poemas, entrevista, etc. O artigo de Bernardo Élis — meu conterrâneo — foi explicitamente delicioso de ler, aprender, compreender, divulgar,

Pela minha tendência em escrever poemas, tenho apreciado os versos publicados; agora tenho a sugerir que sejam dedicados aos poemas mais páginas (como merecem outros artigos). Peço-lhes extrapolem mais na linguagem poéti-

O DF Letras me provoca. Sim, foi uma provocação atraente, motivadora quando resolveram convocar-nos "Deixe de ser inédito". Tenho 3 livros publicados, escrevo também monografias e peças tea-

Como o DF Letras foi "criado unicamente e exclusivamente para valorizar, estimular e divulgar o esencaminho, a priori, o meu livro O Sol da Justica para a publicação de alguns poemas, que deixo vocês à vontade para escolhê-

Escreva que publicamos, vocês me convidaram e espero ver meus poemas publicados no próximo

> Abraço, Onã Silva

Prezados Editores do DF Letras

É com prazer que venho externar os meus agradecimentos à Equipe de Edição do DF Letras, quer pela remessa à Biblioteca Cecilia Meireles, quer pelas amáveis referências neste excelente nº 8.

Remeto-lhes volumes IV, V e VI da antologia Sociedades dos Poetas

Fraternalmente j. Cardias

São Paulo, 07 de março de 1994 Prezada Rose Mary Miranda

Recebi o DF Letras (nº 09), obrigado. Aproveito para parabenizálos pelo ótimo trabalho desenvolvido em favor da cultura, divulgando àqueles que não têm condições de publicar seus trabalhos.

Esta vai como pedido de assinatura, junto envio 2 poesias. Espero poder desfrutar mais ainda deste correio literário.

Atenciosamente, Antonio Medrado



Pedro Celso — PT

Projetos culturais

O deputado distrital (PT) reapresentará, este mês, dois projetos de sua autoria voltados para a área de cultura. Os projetos foram aprovados pela Câmara e vetados pelo governador. Os vetos foram mantidos, apesar do apelo do

deputado e do Conselho de Cultura do DF. Um dos projetos autoriza o Poder Executivo a criar o sistema de capacitação e profissionalização de pessoal para a área sociocultural.

Este projeto possibilitaria a realização de um sonho antigo dos funcionários da Fúndação Cultural. O outro projeto destina os ônibus desativados da TCB para atividades culturais, pedagógicas, artísticas, educacionais, recreativas e

esportivas patrocinadas diretamente ou em convênio por órgãos governamentais. Os velhos ônibus seriam transformados em bibliotecas e teatros ambulantes.

Ao propor o projeto, Pedro Celso mirou-se no exemplo da ex-secretária de Cultura domunicípio de São Paulo, Marilena Chauí. Os velhos ônibus da CMTC, que virariam sucatas e seriam vendidos como ferro-velho,

passaram a ter um destino nobre. Segundo Pedro Celso, os seus projetos contam com amplo apoio dos segmentos artístico e cultural da cidade.

Embaixada do Chile inaugurou no dia 21, último, nos jardins da residência oficial em Brasília o "Parque dos Los Poetas". Para o embaixador Carlos Martinez Sotomaior a iniciativa "foi uma demonstração de amizade" com o Brasil materializada através do testemunho de três importantes figuras da literatura universal: Gabriela Mistral, Pablo Neruda e Vicente Huidoro.

Em homenagem aos três expoentes da cultura latino-americana, tão ligados ao Brasil, foi inaugurado um monumento à Poesia Universal. O presidente da Academia Brasileira de Letras, Josué Montello, esteve presente ao evento. Do programa constaram um recital de três vozes com poemas de Mistral, Neruda e Huidoro, além de uma exposição fotográfica, "O Universo de Neruda e de Gabriela Mistral, de Edith Phillips. A vanguarda de Huidoro foi também mostrada. O Parque agora é dos poetas!







Gabriela Mistral Pablo Neruda Vicente Huidobro

1945

"Os he querido, os conocí y os seguiré siempre con lealtad, ninos del Brasil. grande y humano".

"Tenho-os querido. conhecido e sempre os seguirei com lealdade, meninos do Brasil. grande e humano".

1971

"Brasilia, aislada en su milagro humano, en medio del espacio brasileiro, es como una imposición de la suprema voluntad creadora del hombre. Desde aqui nos sentiremos dignos de volar a los planetas".

"Brasília, ilhada no seu milagre humano, no meio do espaço brasileiro, como uma imposição de máxima vontade criadora do homem. Desde aqui nos sentimos dignos de voar para os planetas".

1893-1948

"Por qué cantais la rosa, Oh poetas! Hacedla florecer en el poema; solo para nosotros viven todas las cosas bajo el sol. El poeta es un pequeno dios".

"Por que cantais a rosa, ó poetas! Fazei-a florecer no poema; apenas para nós vivem as coisas sob o sol. O poeta é um pequeno deus".

CPMTRATP M9 3956/91 ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF UP: AC/ CÂMARA LEGISLATIVA